DELINEANDO LAÇOS

Plano urbano estruturante para espaços livres públicos
em entornos habitacionais no bairro do Petrópolis, Maceió/AL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LAÍS BEATRIZ DA SILVA

Delineando Laços:

Plano urbano estruturante para espaços livres públicos em entornos habitacionais no bairro do Petrópolis, Maceió/AL

Maceió - AL
2023

LAÍS BEATRIZ DA SILVA

Delineando Laços:

Plano urbano estruturante para espaços livres públicos em entornos habitacionais no bairro do Petrópolis, Maceió/AL

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profª. Drª. Diana Helene Ramos.

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586d Silva, Laís Beatriz da.
Delineando laços : plano urbano estruturante para espaços livres públicos em entornos habitacionais no bairro do Petrópolis, Maceió/AL / Laís Beatriz da Silva. – 2023.
91 f. : il. color.

Orientadora: Diana Helene Ramos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 88-91.

1. Planejamento urbano – Maceió (AL). 2. Espaços livres públicos. 3. Espaços urbanos. I. Título.

CDU: 712.25 (813.5)

AGRADECIMENTOS

Impulsionados por nossos sonhos e na busca pela realização deles, muitas vezes cruzamos com pessoas especiais. Tive a sorte de encontrar muitas assim, que partilharam esse caminho comigo para que ele fosse mais gentil, produtivo e sobretudo alegre. E por isso não poderia deixar de expressar minha gratidão a todos.

A princípio, agradeço a Deus por todas as bençãos em minha vida e pela força que me foi dada para enfrentar meus problemas. À minha família — em especial à minha mãe, às minhas tias Lúcia, Jura, Maria e Graça (*in memoriam*), e à minha vó — por acreditar em mim, por sempre me fornecer os materiais acadêmicos que precisava, e pelos cuidados com minha saúde e bem-estar.

À Carol, por partilhar anos de amizade comigo, conversas sobre os sonhos e as incertezas da vida, e por me encorajar a buscar o melhor para mim. Aos amigos que fiz e compartilhei dificuldades, sorrisos e conquistas nessa jornada acadêmica: Rony, Mari, Gabi, Marthina, Hyderson, Wanessa, Gabriel, Mathe e Thomas. Aos amigos que fiz ao longo da vida: Ellen, Tha, Clara, My, Sef e Nanda.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET), que durante minha graduação foi fonte de inspiração, espaço de troca, crescimento e afeto. Agradeço aos que me acolheram na chegada: Leo, Amanda, Mari Nascimento, Rodrigo, Alê, Danda, Day, Mayara, Val, Malu, Maya, Álvaro e Hedhy. E também aos que completaram singularmente a salinha do PET Arquitetura: Adrielly, Rudá, Euclides, Vanessa, Ítalo, João, Mari San, Alexia, Mirella, Duda, Isa, Anne, Everton, Adna e Lucas. Agradeço também às minhas tutoras: Gianna (Gigi - bonitinha), por todo o carinho, generosidade e disciplina; e Hidaka (Hihi), por sua vibrante dedicação e paixão pela docência, que me instigam a sempre aprender mais, e pelo afeto.

Aos docentes, agradeço por compartilharem tanto conhecimento. Em especial, à minha orientadora Diana, por me guiar nessa jornada do Trabalho Final de Graduação (TFG). E também às professoras: Carol e Hidaka, pela contribuição na banca examinadora e todo aprendizado nas matérias de urbanismo; Glória, pela contribuição também na banca final; e Manu, pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula e nas reuniões de pesquisa. Agradeço também aos arquitetos Gabriel, Paula e Tuanne que transbordam ânimo para se envolver no urbanismo.

Por último, gostaria de agradecer à Universidade Federal de Alagoas, com destaque para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, por me proporcionar uma educação pública de qualidade e a realização de um sonho.

RESUMO

Este trabalho final de curso, intitulado “Delineando Laços: Plano urbano estruturante para espaços livres públicos em entornos habitacionais no bairro do Petrópolis, Maceió/AL”, tem como objetivo elaborar um plano urbano estruturante para os espaços livres públicos no entorno dos conjuntos habitacionais Residencial Parque Petrópolis I, II e III, situados no bairro do Petrópolis, Maceió/AL, visando a melhoria da qualidade do espaço urbano e habitacional por meio de soluções adequadas à vida cotidiana local. A elaboração do trabalho deu-se por meio de: revisão bibliográfica de temas inerentes aos espaços livres e aos entornos habitacionais; levantamento urbanístico do objeto de estudo, com coleta de dados e produção de mapeamentos para se obter uma compreensão da área; utilização do método da observação participante em visitas ao local, para entendimento ampliado dos espaços livres no entorno dos conjuntos habitacionais e das relações das pessoas com esse ambiente; pesquisa dos estudos de referências Parc de La Villette, Parque Mangal das Garças e Parque Fazendinha; e elaboração da proposta. O plano estruturante tem como conceito o espaço urbano como extensão do lar. Nessa perspectiva, propõe-se uma intervenção que transforme o espaço público em uma ampliação do ambiente residencial, delineando laços afetivos de pertencimento, apoio e vínculo entre os moradores e os espaços públicos, visando proporcionar o bem-estar das comunidades pertencentes àquele espaço. Por meio desse conceito se propõe três princípios norteadores: *Vitalidade*, *Fluidez* e *Construir para e a partir do coletivo*; que guiam as ideias e intenções na proposta de intervenção urbana. O plano visa ampliar equipamentos sociais e espaços de lazer em territórios socialmente segregados, ampliando as possibilidades de difundir o direito à cidade e inclusão social.

Palavras-chave: Petrópolis; espaços livres públicos; entornos habitacionais.

ABSTRACT

This final course project, entitled “Delineating Ties: Structuring Urban Plan for public open spaces in housing surroundings in the Petrópolis neighborhood, Maceió/AL” aims to develop a structuring urban plan for public open spaces surrounding the residential complexes Residencial Parque Petrópolis I, II, and III, located in the Petrópolis neighborhood, Maceió/AL. The goal is to enhance the quality of urban and residential spaces through solutions tailored to the local daily life. The development of the project involved a literature review on topics related to open spaces and residential surroundings, an urban survey of the study area involving data collection and mapping for a comprehensive understanding, participant observation using on-site visits to grasp the dynamics of open spaces around the residential complexes, studying reference projects such as Parc de La Villette, Parque Mangal das Garças, and Parque Fazendinha, and the subsequent proposal elaboration. The structuring plan is conceptualized around the idea of urban space as an extension of the home. In this perspective, it proposes an intervention that transforms public space into an extension of the residential environment, delineating emotional bonds of belonging, support, and connection among residents and public spaces. The aim is to enhance the well-being of communities within that area. This concept is guided by three guiding principles: Vitality, Fluidity, and Building for and from the collective. These principles guide the ideas and intentions in the proposal for urban intervention. The plan seeks to expand social amenities and recreational spaces in socially segregated territories, thereby broadening opportunities to promote the right to the city and social inclusion.

Keywords: Petrópolis; open spaces; housing surroundings.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de localização do bairro Petrópolis em Maceió, Maceió em Alagoas, Alagoas no Brasil e o Brasil no mundo....16
Figura 2 - Os residenciais Parque Petrópolis no bairro Petrópolis....17
Figura 3 - Área antes da construção dos residenciais....18
Figura 4 - Crescimento urbano da área....18
Figura 5 - Via de acesso aos residenciais....19
Figura 6 - Paisagem marcada por muros extensos....19
Figura 7 - Recorte de intervenção....20
Figura 8 - Alto da Boa Vista....26
Figura 9 - IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) com base nas UDHs (Unidades de Desenvolvimento Humano) do bairro..28
Figura 10 - Análise do Sistema Viário do bairro Petrópolis....29
Figura 11 - Paisagem da Via de Acesso para Chã Nova....30
Figura 12 - Rota da linha de ônibus 056 no recorte em estudo....30
Figura 13 - Rota da linha de ônibus 719 no recorte em estudo....31
Figura 14 - Principais equipamentos sociais....31
Figura 15 - Um dos campos de pelada (jogo de futebol) ao fundo....32
Figura 16 - Outro campo de pelada....32
Figura 17 - Esquina da praça....33
Figura 18 - Interior da praça....33
Figura 19 - Mapeamento de topografia e corpos d'água....33
Figura 20 - Corte do terreno (AA')....34
Figura 21 - Corte do terreno (BB')....34

Figura 22 - Corte do terreno (CC')....34
Figura 23 - Corte do terreno (DD')....34
Figura 24 - Mapeamento de massa vegetativa....35
Figura 25 - Parte da área em subsidência com imóveis desocupados e com o início da execução do plano de demolição dos mesmos....36
Figura 26 - Famílias realocadas pela cidade segundo bairro de origem: Mutange, Bom Parto, Bebedouro, Pinheiro e Farol....37
Figura 27 - Recorte do Mapa de Zoneamento de Maceió....39
Figura 28 - Início da Via de Acesso para Chã Nova....42
Figura 29 - Via de Acesso para Chã Nova próximo ao Residencial Parque Petrópolis II....43
Figura 30 - Área de descanso improvisada....43
Figura 31 - Extensão da via entre Monte Alegre e o Residencial Parque Petrópolis III....44
Figura 32 - Via de Acesso que conduz ao terminal da Chã Nova no entardecer....44
Figura 33 - Via de Acesso que conduz ao terminal da Chã Nova à noite....44
Figura 34 - Ponto de ônibus entre o Residencial Parque Petrópolis II e III....45
Figura 35 - Trecho compreendido entre o Residencial Parque Petrópolis III e o Monte Alegre....45
Figura 36 - Ponto de ônibus do Monte Alegre....45
Figura 37 - Descarte irregular de lixo próximo a entrada do Residencial Parque Petrópolis I....46
Figura 38 - Descarte irregular de lixo próximo ao Residencial Parque Petrópolis III....47
Figura 39 - Ocupação do assentamento por meio do recurso "Visualização Histórica"....48
Figura 40 - Moradores jogando futebol em um dos campos de pelada....48
Figura 41 - Praça entre os residenciais....49
Figura 42 - Ocupação da praça por meio do recurso "Visualização Histórica"....50
Figura 43 - Pontos comerciais estabelecidos em 2019....50

Figura 44 - Pontos comerciais estabelecidos atualmente....50
Figura 45 - Restaurante Rancho Bom....51
Figura 46 - Mercearia local....51
Figura 47 - Mapeamento da síntese do diagnóstico....52
Figura 48 - Vista aérea do Parc de la Villette....55
Figura 49 - Princípio da sobreposição: linhas, pontos e superfícies....56
Figura 50 - La Geode....56
Figura 51 - Cidade da Música....56
Figura 52 - Villette Markes....57
Figura 53 - Jardim do Dragão....57
Figura 54 - Jardim dos Ventos e Dunas....58
Figura 55 - Vista aérea da área antes da intervenção e o rio Guamá....58
Figura 56 - Vista aérea da área de intervenção e o rio Guamá....59
Figura 57 - Armazém do Tempo....59
Figura 58 - Borboletário....60
Figura 59 - Passarela de acesso ao Mirante que permite uma vista ampla do rio Guamá e do centro histórico de Belém, com 100 metros de comprimento sobre a várzea....60
Figura 60 - EcoArte....60
Figura 61 - Etapa inicial no terreno da Fazendinha....61
Figura 62 - Diagrama de uso do espaço no dia do festival....62
Figura 63 - Diagrama de potenciais do espaço....62
Figura 64 - Perspectiva do Parque Fazendinha....65

Figura 65 - Diagrama geral da proposta....66
Figura 66 - Mapa demarcando a retirada dos muros....68
Figura 67 - Mapa de intervenções nas vias principais....69
Figura 68 - Detalhes esquemáticos das vias....70
Figura 69 - Perfil e esquema viário da via que margeia os residenciais....70
Figura 70 - Perfil e esquema viário da via em direção a Chã Nova....70
Figura 71 - Acesso a área após retirada de muros e implantação de calçada, ciclovia e jardins de chuva....71
Figura 72 - Acesso a área após retirada de muros, implantação de jardins de chuva e ampliação das calçadas....72
Figura 73 - Mapa com demarcação do jardim e do percurso de trilha....74
Figura 74 - Jardim do aconchego....75
Figura 75 - Pavilhão das lembranças e Espaço da convivência....76
Figura 76 - Gambiarra....77
Figura 77 - Horta comunitária....78
Figura 78 - Processo de criação para requalificação da praça....80
Figura 79 - Proposta de requalificação da praça....81
Figura 80 - Redário e Biblioteca pública....82
Figura 81 - Pistas de skates....82
Figura 82 - Proposições na declividade....83
Figura 83 - Mapa geral....84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Faixa etária da população residente.....27
Gráfico 2 - Rendimento domiciliar da população residente no bairro.....27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadro síntese da área em estudo.....53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

HIS - Habitações de Interesse Social

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

PAR - Programa de Arrendamento Residencial

PMCMV - Programa Minha Casa Minha Vida

SEDET - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente

TFG - Trabalho Final de Graduação

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

PP1 - Residencial Parque Petrópolis I

PP2 - Residencial Parque Petrópolis II

PP3 - Residencial Parque Petrópolis III

SUMÁRIO

01

1 INTRODUÇÃO 15

1.1 Objetivos 22

1.1.1 Objetivo Geral 22

1.1.2 Objetivos Específicos 22

1.2 Metodologia 22

1.3 Organização do trabalho 23

02

2 O BAIRRO DE PETRÓPOLIS EM MACEIÓ, ALAGOAS 25

2.1 O lugar 26

2.2 Uma análise estatística das dinâmicas de ocupação 26

2.2.1 Inserção urbana 28

2.2.2 Equipamentos sociais 31

2.2.3 Condicionantes ambientais 33

2.2.4 Desdobramentos do Colapso Urbano 35

2.3 Legislação 38

2.3.1 Plano Diretor 38

2.3.2 Código de Urbanismo e Edificações de Maceió 38

03

3 IMERSÃO 41

3.1 A paisagem e a escala humana 42

3.2 Iluminação 44

3.3 Mobilidade 45

3.4 Descarte de resíduos 46

3.5 Os usos e formas de apropriação dos espaços públicos 47

3.6 Síntese 52

04

4 RETRATOS 54

4.1 Parc de la Villette 55

4.2 Parque Zoobotânico Mangal das Garças 58

4.3 Parque Fazendinha 61

05

5 DELINEANDO LAÇOS 64

5.1 Conceito, intenções e princípios 65

5.2 Vitalidade 67

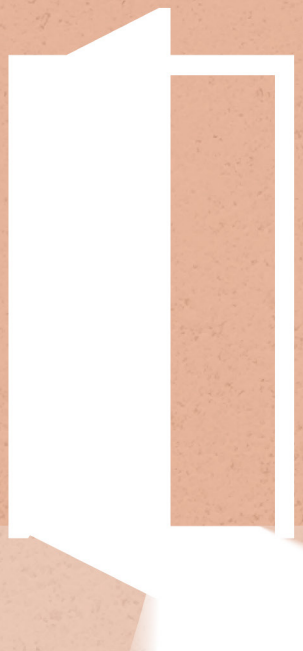
5.3 Construir para e a partir do coletivo 76

5.4 Fluidez 83

06

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 85

REFERÊNCIAS 87



01 INTRODUÇÃO

O desempenho da vida cotidiana; a constituição da paisagem urbana, da forma citadina, da imagem da cidade junto a suas histórias e memórias; bem como, a constituição da esfera da vida pública; demonstram a importância do sistema de espaços livres na formação de uma cidade (Queiroga, 2011, p. 28). Contudo, muitas vezes esses espaços livres são negligenciados quanto a sua infraestrutura e suas potencialidades de desenvolvimento da função socioespacial na vida urbana.

Em Maceió, capital do estado de Alagoas, observa-se o desenvolvimento da cidade marcado inicialmente em suas áreas centrais e litorâneas. Essas áreas se tornam consolidadas, apresentando maior infraestrutura urbana e, consequentemente, concentração de espaços livres mais qualificados. De maneira oposta a isso, devido ao processo de expansão da cidade traçado pelo aumento acelerado da demanda habitacional, as periferias, encostas e áreas de preservação ambiental são habitadas sem estruturação. É neste contexto socioespacial que se concentram os conjuntos habitacionais e as habitações precárias e/ou principalmente aquelas em situação de risco. Estes são muitas vezes carentes de infraestrutura urbana qualificada para as práticas sociais voltadas à qualidade de vida.

Um paradigma disso reflete-se no bairro Petrópolis (Figura 1), área periférica da cidade de cunho marcadamente residencial. É nesse cenário que se desenvolve o presente trabalho, que tem como objeto de estudo os espaços livres urbanos do bairro, com

Figura 1 – Esquema de localização do bairro Petrópolis em Maceió, Maceió em Alagoas, Alagoas no Brasil e o Brasil no mundo[1]

Fonte: Autoral (2023)

1 Tomando como referência a arte intitulada América Invertida (1943) de Joaquín Torres García, que afirma "Nosso norte é o Sul", e a representação de projetos do escritório de arquitetura e urbanismo Lins Arquitetos Associados, que representa a indicação do sul em seus projetos ao invés do norte, os mapeamentos e desenhos de elaboração autoral deste trabalho contém a indicação do sul, como uma forma de posicionamento político que busca contrariar ideias hegemônicas, hierárquicas e coloniais.

um olhar direcionado para o entorno dos conjuntos habitacionais Parque Petrópolis (Figura 2), e como eles impactam no cotidiano dos moradores locais.

Constituído em grande parte por loteamentos e conjuntos habitacionais, o bairro dispõe de Habitações de Interesse Social (HIS) do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Dentre elas

Figura 2 – Os residenciais Parque Petrópolis no bairro Petrópolis

Fonte: *Google Maps*, modificado pela autora (2023)

destacam-se os intitulados Residencial Parque Petrópolis I, II e III. Por meio do recurso “Visualização Histórica”, disponibilizado pelo aplicativo *Google Earth*, percebe-se que essas unidades habitacionais foram construídas por volta de 2013 e 2015 numa área onde só existia vegetação (Figura 3). Inicialmente, foram construídos os residenciais Dom Helder e Lúcio Costa em 2005, financiados com recursos do Programa de Arrendamento Residencial (PAR), e posteriormente, os conjuntos Parque Petrópolis (Figura 4).

O acesso aos conjuntos habitacionais Residencial Parque Petrópolis I, II e III se dá unicamente através de uma via perpendicular à Av. Galba Novaes de Castro (Figura 5). Essa via, embora seja o principal acesso, possui configuração linear extensa, dissociada de continuidade com o tecido urbano do entorno, com calçadas estreitas, sem arborização na maior parte e sua paisagem

Figura 3 – Área antes da construção dos residenciais

Fonte: *Google Earth* (2002), modificado pela autora (2023)

Figura 4 – Crescimento urbano da área

Fonte: *Google Earth*, modificado pela autora (2023)

marcada por muros contínuos e não permeáveis visualmente (Figura 6). Tais condições acarretam na perda da vitalidade urbana no local.

Para Saboya (2013), quatro condições influenciam na vitalidade de um lugar: Densidade (quantidade de pessoas utilizando e interagindo nas ruas); Proximidades e distâncias na malha de ruas (tamanho das quadras); Relação edificação x espaço público (Permeabilidade física entre espaços públicos e privados); e Permeabilidade visual (interface entre espaço edificado e espaço aberto público). Ao observar a via de acesso aos conjuntos, percebe-se que, devido a sua configuração linear extensa, isolada do tecido urbano do entorno e às barreiras visuais criadas pelos muros paralelos a esta, o percurso torna-se inseguro pela falta de condições necessárias à promoção da vitalidade urbana.

Figura 5 – Via de acesso aos residenciais

Fonte: *Google Earth*, modificado pela autora (2023)

Figura 6 – Paisagem marcada por muros extensos

Fonte: Autoral (2021)

Para além dessa questão, existem também no entorno desses residenciais a constituição de dois assentamentos informais (o Conjunto Vitória e outro que não possui nome definido), do conjunto Monte Alegre, da Chã Nova e da Grota Santa Helena. Além disso, o bairro Petrópolis encontra-se próximo ao bairro de

Bebedouro, que encontra-se em situação de subsidência do solo[2]. Essas questões permeiam um sistema de espaços livres públicos carentes de infraestrutura urbana adequada para atender às necessidades da população que habita a região.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como área escolhida para intervenção urbanística um recorte, de aproximadamente 50 hectares, do bairro Petrópolis (Figura 7). Nele, encontram-se espaços livres desassistidos, como: ruas com infraestrutura urbana que dificultam a caminhabilidade; campos de pelada (jogo de futebol) sem adequação para práticas das atividades; e um espaço livre, localizado entre os acessos dos conjuntos habitacionais Parque Petrópolis II e III. Ao longo dos anos, ocorreram apropriações deste último espaço livre citado, de forma espontânea pela falta de equipamentos de uso coletivo ou área vegetada, caracterizando-o como uma praça com barracas e trailers de comida. Diante disso, esse trabalho apresenta propostas de intervenção urbanística em continuidade para esses espaços livres no recorte.

Figura 7 – Recorte de intervenção

Fonte: *Google Earth*, modificado pela autora (2023)

2 Subsidência é o processo de rebaixamento da superfície devido à alteração do suporte subterrâneo (Santos et al., 2020, p. 92) que nesse caso está relacionada à exploração de sal-gema por uma empresa de mineração, que colocou em risco as construções na superfície.

Segundo Helene, Leite e Silva (2021, p.61), “estudar os sistemas de espaços livres se mostra fundamental para melhorar a qualidade do espaço urbano e habitacional se levarmos em conta as necessidades diárias da vida, devido sua potencialidade em articular distintas escalas e transições necessárias entre a cidade e o edifício”. Desse modo, tem-se o objetivo de traçar uma intervenção urbanística, visando atender às necessidades da população local e melhorar a qualidade do espaço urbano e habitacional.

Por meio da intenção sociopolítica de exercer uma das funções do profissional de arquitetura e urbanismo: de defender o direito à cidade e às políticas urbanas e de desenvolvimento urbano por meio de projetos adequados à realidade local, serão elaboradas diretrizes e propostas projetuais para o recorte. E, sobretudo por se tratar de um espaço permeado de desigualdades sociais bastante expressivas de renda, gênero e raça, presentes nos assentamentos, nas HISs e na grota, buscam-se diretivas a partir de uma perspectiva decolonial.

Essa abordagem busca mostrar que arquitetura, urbanismo e paisagismo podem desempenhar uma ação política. Ilustra-se esse ponto de vista, por exemplo, por meio do foco no pensamento social e político proveniente de, e voltado a, um *Sul Global*[3] na prática da profissão. Uma ilustração de abordagem decolonial no campo do paisagismo, pode ser elucidada pela criação de uma convergência entre arquitetura, paisagismo e geografia, voltada a garantia de direitos, como o acesso à alimentação, utilizando o paisagismo comestível como instrumento (Veríssimo e Name, 2017). Além disso, Veríssimo e Name (2017) afirmam que:

> No Brasil, arquitetura e paisagismo são executados pelo mesmo conjunto de profissionais, que tem no espaço construído de uma casa, por exemplo, a possibilidade de ação projetiva em arquitetura, ao passo que no espaço livre junto a esta tem a matéria-prima fundamental para um exercício projetivo em paisagismo: o que defendemos é que este espaço livre pode e deve se voltar à provisão de quem vive nesta casa, e que a paisagem, compreendida para além de suas dimensões estéticas, é um elemento que articula os diferentes fenômenos e níveis de análises relacionados à ação projetiva e a ação em prol de diferentes direitos (à habitação, à alimentação, ao meio ambiente).

Isso ressalta a importância dos espaços livres na assistência às necessidades daqueles que residem naquele lugar. Bem como, pontua que a paisagem deve ser considerada não apenas esteticamente, mas também como um fator de união entre diferentes aspectos e níveis de análise, incluindo projetos e esforços para garantia de direitos.

Por fim, por ser moradora do bairro Petrópolis desde a infância, ter familiaridade com o lugar e, na ótica de uma estudante de Arquitetura e Urbanismo, observar a inserção de novas dinâmi-

3 Sul Global refere-se ao contexto em que se encontram sociedades e lugares subalternizados (grupos sociais e áreas que têm historicamente ocupado posição inferior, marginalizada e desfavorecida social, economica e politicamente).

cas na evolução local, encontrei também motivação para a elaboração desse trabalho.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Elaborar um plano urbano estruturante[4], nos espaços livres públicos do entorno[5] dos conjuntos habitacionais Residencial Parque Petrópolis I, II e III, situados no bairro do Petrópolis, Maceió/AL, delineando laços entre o público e o privado, o habitacional e o urbano, por meio de soluções adequadas à vida cotidiana local.

4 O termo é utilizado com o intuito de evitar uma possível conotação classista associada à versão em inglês, visto que é constantemente utilizado como ferramenta de *marketing* no mercado imobiliário (Carmo, 2022, p. 11). No âmbito do planejamento, o plano urbano estruturante se apresenta assim como o *master-plan*, "uma ferramenta de planejamento físico-espacial" (Moreira, 2021) que indica estratégias de uso e ocupação, como localização de programa de necessidades, conexões viárias, entre outras, para a área a ser desenvolvida (Colusso, 2023). A ideia também é se diferenciar da realização de um plano diretor (que seria uma tradução literal de *masterplan*) que no Brasil, possui uma característica específica de escala da cidade como um todo.

5 O termo entorno vem de "entornos habitacionais" utilizado nos referenciais teóricos do Col·lectiu Punt 6, uma organização formada por arquitetos, sociólogos e urbanistas situada na Catalunha, na Espanha. Essa organização busca repensar os espaços públicos, comunitários e domésticos, a partir de uma perspectiva de gênero, com intuito de promover melhorias, diversidade social e romper hierarquias e discriminações (Gutiérrez *et al.*, 2017, tradução própria). "Entornos habitacionais" para o Col·lectiu Punt 6 relaciona-se ao ambiente ou contexto em que as habitações estão inseridas, ou seja, as áreas e espaços próximos a residências e conjuntos habitacionais, levando em consideração o estado dos espaços públicos, as relações entre as áreas de moradia e a comunidade, as amenidades disponíveis, a infraestrutura urbana e os outros fatores que interferem na qualidade de vida e nas interações sociais. O foco é a escala do morar e do que se pode ser feito a pé a partir da residência, abrangendo entre 250 ou 300 aproximadamente dos limites das habitações (na escala da vizinhança) e/ou aproximadamente um raio de 10 min a pé (na escala do bairro) (Ciocoletto, 2014, tradução própria).

1.1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o espaço da área de estudo, parte do bairro Petrópolis da cidade de Maceió, com o intuito de entender os condicionantes locais que orientam a elaboração do plano urbano estruturante;
- Identificar as relações intrínsecas entre espaços livres públicos e espaços de moradia no bairro do Petrópolis, com o propósito de entender como as pessoas atravessam, permanecem, sociabilizam e se apropriam desses espaços, assim como, entender suas carências e demandas emergentes;
- Após análise dos condicionantes locais e identificação das relações intrínsecas entre espaços livres públicos e habitações, definir diretrizes para o plano urbano estruturante.

1.2 Metodologia

Com a finalidade de alcançar esses objetivos, foram realizadas atividades de:

a) revisão bibliográfica de temas inerentes aos espaços livres e aos entornos habitacionais;

b) levantamento urbanístico do objeto de estudo:

- coleta de dados referentes aos aspectos econômicos, à acessibilidade na mobilidade urbana, aos equipamentos ur-

banos e aos condicionantes ambientais;

- produção de mapeamentos, com bases disponibilizadas pelas plataformas *Google Maps*, *MapStyle* e *OpenStreetMap* e editadas com o auxílio dos *softwares Adobe Illustrator* e *AutoCAD*;

- e consulta da legislação (Plano Diretor e Código de Urbanismo e Edificações) da cidade;

c) uso do método da observação participante em visitas ao local:

- realização de visitas em diferentes dias e horários, somadas a captura de fotografias e análise de aspectos, como: paisagem e escala humana, uso/atividades nos espaços livres e alguns serviços de infraestrutura (iluminação, mobilidade e descarte de resíduos);

d) pesquisa dos estudos de referências projetuais: Parc de La Villette, Parque Mangal das Garças e Parque Fazendinha;

e) elaboração da plano urbano estruturante, com espacialização da proposta para o recorte de intervenção por meio da:

- produção de mapeamentos, com o auxílio dos *softwares Adobe Illustrator* e *AutoCAD* para edição;

- criação de imagens ilustrativas, com o auxílio dos *softwares Revit*, *Lumion* e *Adobe Photoshop* para modelagem, renderização e edição;

- e redação das diretrizes projetuais alinhadas aos mapeamentos e imagens ilustrativas.

1.3 Organização do trabalho

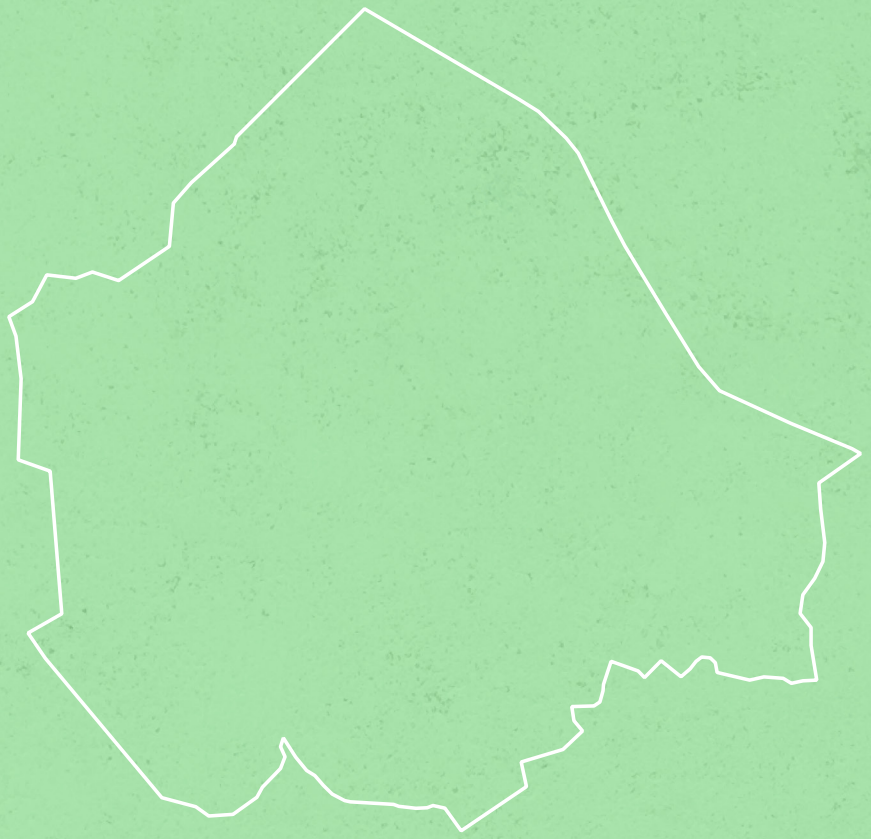
A estrutura do presente trabalho possui, além desta *Introdução*, mais quatro seções: ***O bairro de Petrópolis em Maceió, Alagoas***, com subseções apresentando o diagnóstico urbanístico; ***Imersão***, que apresenta, por meio da observação participante, o entendimento ampliado dos espaços livres no entorno dos conjuntos habitacionais e as relações das pessoas com esse ambiente; ***Retratos***, que apresenta estudos de referências; ***Delineando laços***, que traz a proposta de intervenção incluindo suas diretrizes e possíveis formas de realização das mesmas; e se conclui com as ***Considerações Finais*** e as ***Referências.***

Ao longo da elaboração deste trabalho, levantou-se o questionamento sobre qual produto seria apresentado na etapa final desse TFG, visto os parâmetros que o curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFAL apresenta no documento “Normas Complementares à Resolução Nº 01/2007 do Colegiado do Curso de Arquitetura e Urbanismo” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 2007). Dentre os obje-

tivos desse documento, consta a definição da natureza dos trabalhos e os requisitos mínimos relacionados aos produtos esperados em cada uma das etapas estabelecidas para TFG. O documento separa a natureza do trabalho em dois tipos:

> PROJETUAL – [...] Todos os trabalhos dessa natureza deverão apresentar como produto final, na etapa final do TFG, uma proposta projetual em nível de Anteprojeto.
> DISCURSIVO – [...] Todos os trabalhos dessa natureza deverão apresentar como produto final, na etapa final do TFG, um ensaio monográfico ou um relatório de pesquisa com análise de resultados, respectivamente. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO, 2007)

A redação da norma dá a entender que um plano de diretrizes urbanas na escala do Planejamento Regional e Urbano não se enquadra como um trabalho do tipo PROJETUAL, apesar de não se configurar, obviamente, como um trabalho apenas DISCURSIVO. Trago esse questionamento como forma de tensionar as divisões entre plano e projeto, defendendo que o trabalho de elaboração de diretrizes que aqui realizo por meio de um plano urbano estruturante é de natureza não apenas DISCURSIVA, mas também PROPOSITIVA, apesar de não chegar no detalhamento em nível de anteprojeto. Defendo ainda que, tal natureza propositiva deveria ser incorporada na revisão das normas de TFG da FAU-UFAL, de modo a contemplar a escala da Macro Paisagem e do Planejamento Urbano e Regional nas opções de realização de TFG adotadas.



02 O BAIRRO DEPETRÓPOLIS EM MACEIÓ, ALAGOAS

O objeto de estudo pode ser melhor compreendido quando analisado a partir da materialização de: seu contexto histórico e atual, levantamento urbanístico e de dados estatísticos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE), investigação da legislação (Plano Diretor e Código de Urbanismo e Edificações) e observação participante. Com essas etapas investigativas, acompanhadas de aporte referencial e teórico, constitui-se a caracterização da área, importante alicerce para as propostas de intervenções futuras.

Figura 8 – Alto da Boa Vista

Fonte: *Google Maps*, modificado pela autora (2023)

2.1 O lugar

O bairro Petrópolis é delimitado no processo de crescimento territorial de Maceió entre 1980 e 2000, marcado pelo aumento do perímetro urbano da cidade e pelo novo abairramento - ambos definidos na Lei Nº 4.4687/1998. A área que, antes da publicação da lei, concentrava o bairro Tabuleiro dos Martins teve seu perímetro modificado e foi dividida em 9 bairros, sendo eles: Petrópolis, Jardim Petrópolis, Santa Lúcia, Santa Amélia, Clima Bom, Santos Dumont, Cidade Universitária, Antares e Tabuleiro dos Martins (Japiassú, 2015).

Segundo Silva e Silva (2022), a ocupação do bairro se iniciou a partir do Alto da Boa Vista (Figura 8). Seu crescimento e urbanização ocorreu lentamente, processo que se acelerou nas últimas décadas do século XX. Dentre os motivos de crescimento da área, pontua-se a busca por terrenos em preços mais acessíveis, pois nos bairros vizinhos os terrenos já não eram fáceis de se encontrar e os poucos existentes possuíam valores altos.

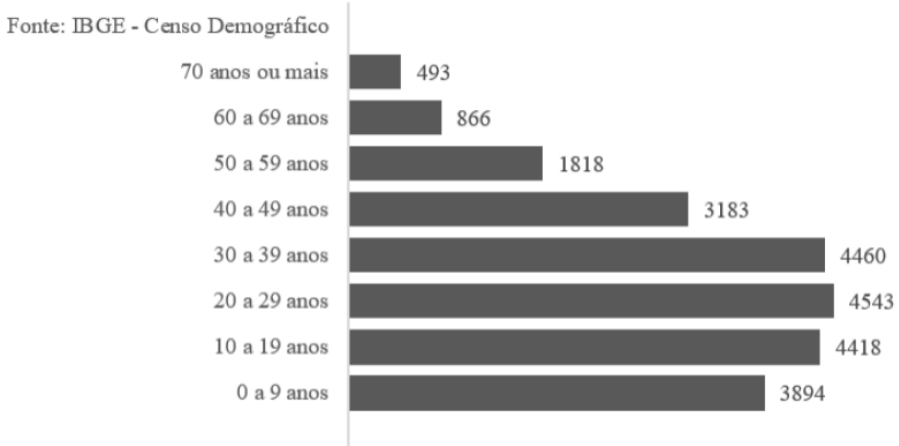
2.2 Uma análise estatística das dinâmicas de ocupação

Segundo o Censo de 2010[6] do IBGE (Instituto Brasileiro de

6 No decorrer da elaboração do trabalho, não houve conclusão/disponibilização do Censo de 2022.

Geografia e Estatística), o bairro possui uma população residente total de aproximadamente 23.675, sendo majoritariamente feminina, com 12.423 (52,47%) mulheres e 11.252 (47,53%) homens. O Censo indica também uma concentração significativa de moradores com idades entre 20 e 29 anos, ao mesmo tempo em que aponta para um envelhecimento gradual da população nesse grupo demográfico (Gráfico 1). Isso sugere a necessidade de diretrizes específicas que acolham as características particulares da localidade.

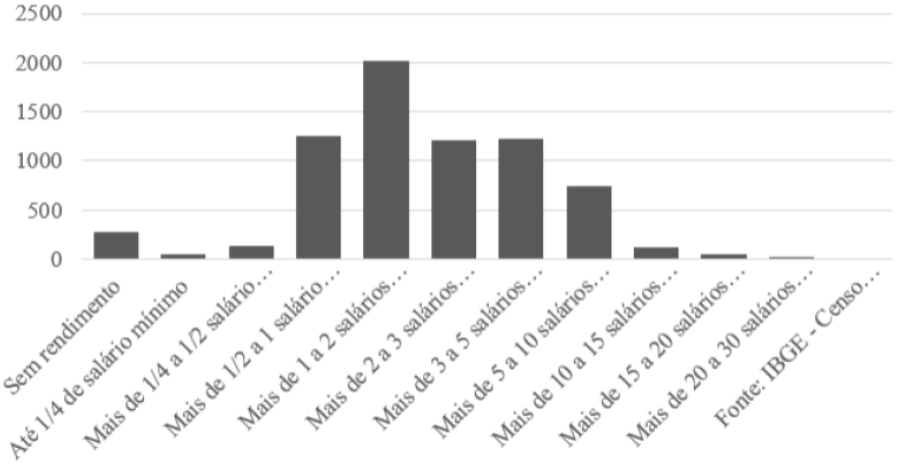
Gráfico 1 – Faixa etária da população residente



Fonte: Autoral (2023)

No que se refere à distribuição de renda no bairro (Gráfico 2), os dados censitários indicam que a maior parte da população pertencem à classe social mais baixa, recebendo entre 1 e 2 salários mínimos[7]. Analisando os índices de longevidade e educação em conjunto com a renda, que compõem o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal), constata-se que as regiões no entorno dos Residenciais Parque Petrópolis II e III, no Monte Alegre, na Grota Santa Helena, situada na divisa entre os bairros Petrópolis e Chã da Jaqueira, e o conjunto Vitória, assentamento ao lado do Residencial Parque Petrópolis I, apresentam o IDHM mais baixo do bairro (Figura 9).

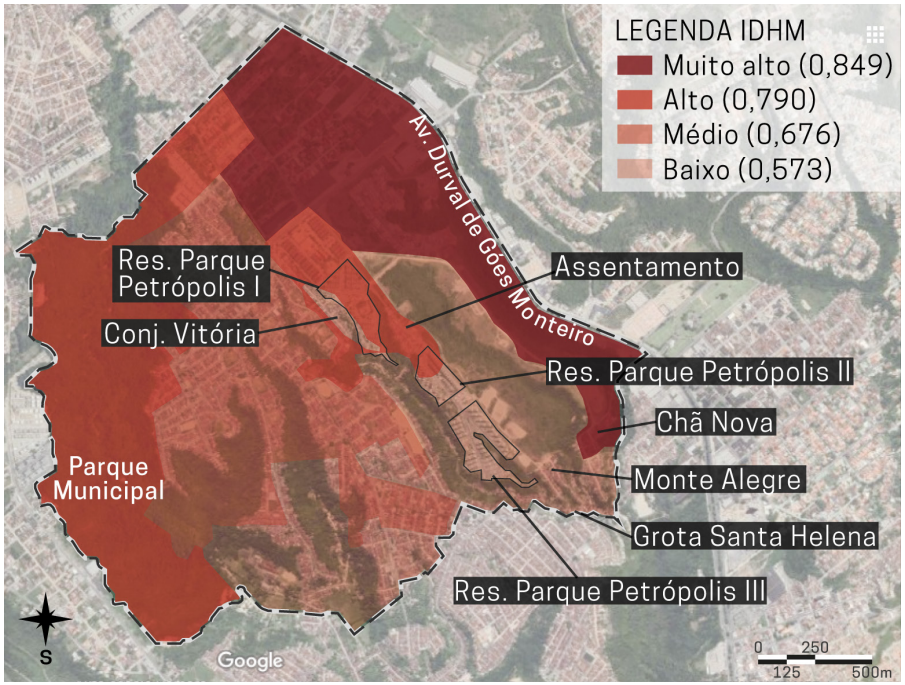
Gráfico 2 – Rendimento domiciliar da população residente no bairro



Fonte: Autoral (2023)

7 O salário mínimo na época era equivalente a R$ 510,00 e a categoria Sem rendimento inclui os domicílios cujos moradores recebiam somente em benefícios.

Figura 9 – IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) com base nas UDHs (Unidades de Desenvolvimento Humano) do bairro



Fonte: *Google Maps*, IBGE e Atlas Brasil, modificado pela autora (2023)

A região com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal mais baixo no bairro (figura 9) é reflexo de: circunstâncias nas quais se encontram as comunidades em vulnerabilidade social, com habitações em áreas de risco; disparidades e desigualdades, com distribuição de recurso e acesso a serviço limitados; e ausência de políticas públicas eficazes. Esse mapeamento mostrou-se fundamental, pois possibilitou a identificação da extensão da área de intervenção do projeto relevante para melhoria do IDHM.

2.2.1 Inserção urbana

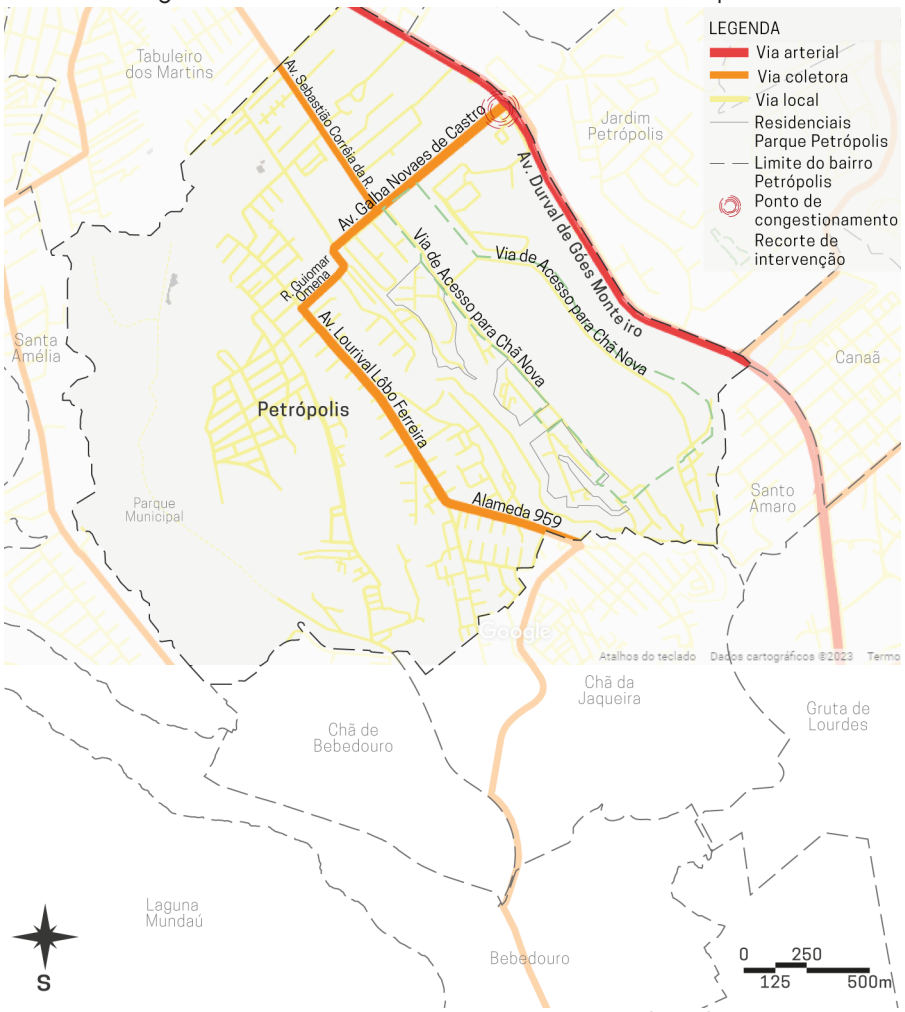
No lado nordeste do bairro Petrópolis encontra-se a Avenida Durval de Góes Monteiro, uma importante via que se conecta ao eixo viário principal da cidade, a Avenida Fernandes Lima, proporcionando a ligação do bairro com o centro comercial. O acesso ao recorte de intervenção ocorre por meio da conexão dessa via com a Avenida Galba Novaes de Castro. O bairro Petrópolis pode ser acessado também através de outro importante eixo, a Alameda 959, que se conecta com a Avenida Lourival Lôbo Ferreira, que por sua vez liga o bairro aos de Chã da Jaqueira e Bebedouro. Além disso, o bairro Petrópolis também é acessível através da Av. Sebastião Corrêia da Rocha, que o conecta com o bairro Tabuleiro dos Martins. Este, por sua vez, faz a ligação com os bairros de Santa Amélia e Clima Bom. (Figura 10).

Percebe-se nos últimos anos um aumento significativo de congestionamento no cruzamento entre a Avenida Galba Novaes de Castro e a Avenida Durval de Góes Monteiro. Esse fenômeno pode ser atribuído, além de outros fatores, às transformações na mobilidade urbana devido à ocorrência de subsidência do solo nos bairros de Bebedouro, Bom Parto, Mutange e Pinheiro[8]. Como resultado, a Avenida Major Cícero de Góes Monteiro, anteriormen-

8 Esse assunto é abordado na seção 2.2.4

te uma importante rota de ligação entre o bairro Petrópolis e o Centro, passando pelos bairros Chã da Jaqueira e Bebedouro, encontra-se atualmente interditada. Como consequência, a Avenida Durval de Góes Monteiro tornou-se a principal rota de acesso, com a saída pela Avenida Galba Novaes de Castro (Figura 10).

Figura 10 – Análise do Sistema Viário do bairro Petrópolis



Fonte: *MapStyle*, modificado pela autora (2023)

A Via de Acesso para Chã Nova, que constitui uma parte do recorte de intervenção e representa o principal acesso aos conjuntos habitacionais, ao assentamento entre os conjuntos, ao Monte Alegre e a Chã Nova, estabelece conexão com a malha urbana no ponto de interseção com a Avenida Galba Novaes de Castro. Durante as visitas realizadas ao recorte, é perceptível que a parte da Via de Acesso para Chã Nova situada às margens dos residenciais, embora seja o meio de locomoção primário para os residentes locais, apresenta algumas deficiências, tais como a falta de uma ciclovia e a ausência de vegetação ao longo da maior parte do trajeto, além de uma baixa movimentação de pedestres. A este último aspecto, além das carências citadas, pode ser atribuída a sensação de insegurança resultante da paisagem caracterizada por extensos muros, que interrompem a fluidez visual e afetam negativamente a qualidade da experiência urbana (figura 11). Considerando essa nítida separação entre os espaços livres públicos e privados, decorrente da construção de muros, e suas consequências, Faria e Cavalcante afirmam que (2009, p.16):

> Em toda a área urbana [de Maceió] verifica-se a tendência ao enclausuramento da paisagem das ruas, resultado da construção de muros altos e fechados [...] Nessas áreas, os espaços livres públicos encon-

tram-se claramente separados dos privados. O espaço, reduzido a mero corredor de passagem, árido e sem atrativos a estimularem o "passear", suscita insegurança nos pedestres que, sem a presença solidária dos moradores, tornam-se vulneráveis a atos de violência.

Figura 11 – Paisagem da Via de Acesso para Chã Nova

a) trecho próximo ao Residencial Parque Petrópolis I

b) trecho próximo ao assentamento informal

c) trecho próximo ao Residencial Parque Petrópolis II

d) trecho próximo ao Residencial Parque Petrópolis III

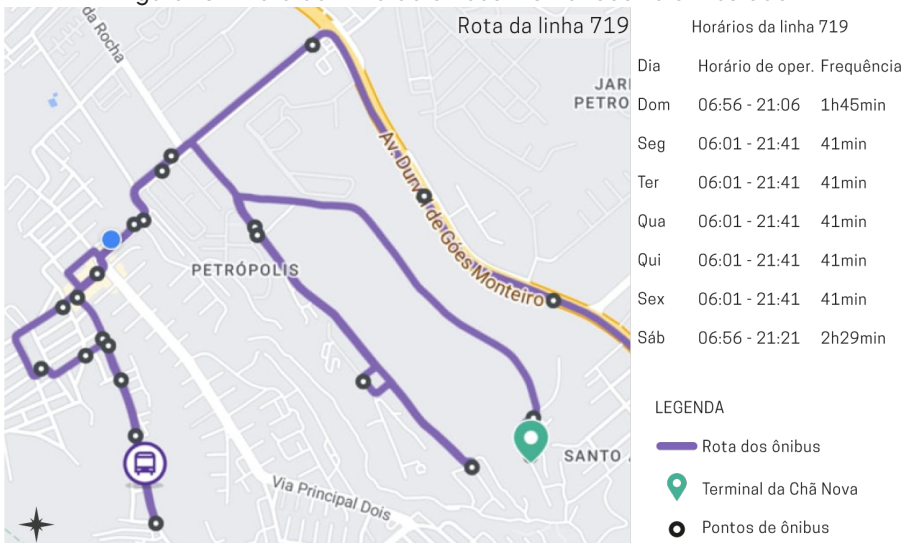
Fonte: Autoral (2021)

Além disso, constata-se que o recorte em questão possui uma limitada oferta de transporte coletivo, contando apenas com duas linhas (056 e 719) integrantes do sistema de ônibus local. A linha 056 tem como destino o bairro do Centro, enquanto a linha 719 se direciona ao bairro Ponta Verde, que abrange também a demanda por deslocamento para o litoral da cidade. No entanto, é importante salientar que a linha 719 apresenta intervalos de tempo consideráveis, com uma frequência prolongada de aproximadamente 41 minutos durante os dias úteis e entre 1 hora e 45 minutos a 2 horas e 29 minutos nos finais de semana (Figuras 12 e 13) .

Figura 12 – Rota da linha de ônibus 056 no recorte em estudo

Fonte: *Cittamobi* e *Moovit*, modificado pela autora (2023)

Figura 13 – Rota da linha de ônibus 719 no recorte em estudo



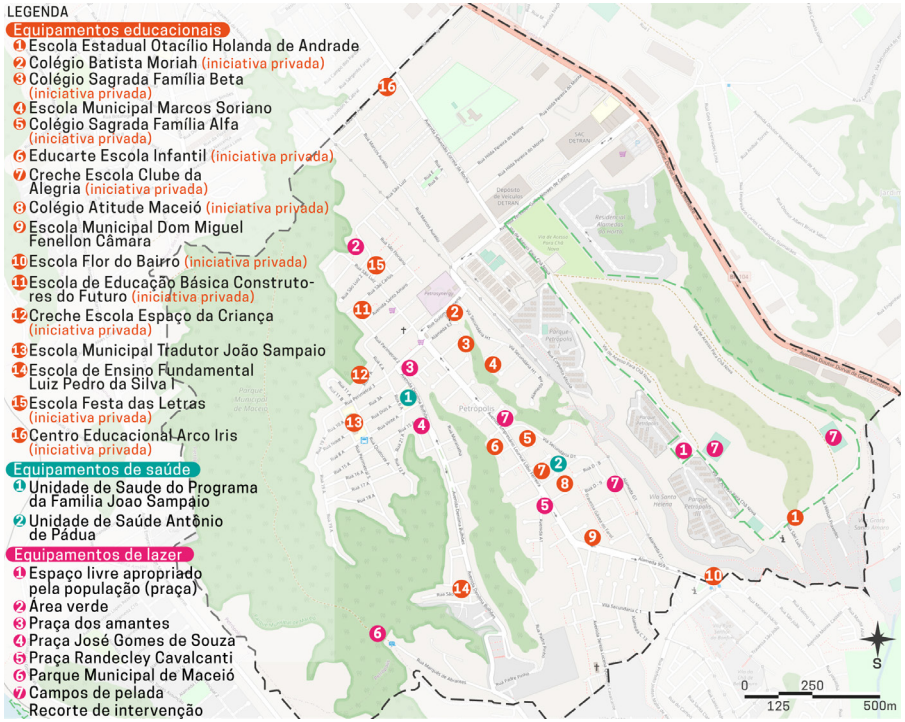
Fonte: *Cittamobi* e *Moovit*, modificado pela autora (2023)

Essa falta de transporte eficiente acaba por submeter os moradores a um isolamento em suas residências ou a enfrentar jornadas exaustivas em meio a transportes coletivos lotados no cotidiano. Tal situação contraria a premissa de proporcionar uma boa qualidade de vida para as pessoas, conforme aponta Ferreira (2012, p.14), afirmando que "Cidades com bons sistemas de transporte público rápido de massa oferecem, sem dúvida, qualidade de vida significativamente maior a seus moradores".

2.2.2 Equipamentos sociais

Na análise de equipamentos sociais relacionados à educação, saúde e lazer, observa-se uma concentração significativa na área central do bairro, nas imediações da Avenida Lourival Lôbo Ferreira. Já ao direcionar a atenção para os arredores dos conjuntos habitacionais, constata-se a ausência desses equipamentos, restando apenas a proximidade de uma escola (Escola Estadual Otacílio Holanda de Andrade), campos de pelada e um espaço livre adotado pela comunidade, que se configura como uma praça com barracas e trailers, em virtude da carência de equipamentos nas imediações construídas (Figura 14).

Figura 14 – Principais equipamentos sociais



Fonte: *Open Street Maps*, modificado pela autora (2023)

Segundo Ferreira (2012, p. 68), “um empreendimento habitacional bem inserido na cidade é aquele comprometido com processo de urbanização justo e democrático, que garanta qualidade de vida aos moradores e aos demais cidadãos impactados por ele”. Isso se reflete na importância do acesso a equipamentos de lazer, cultura, saúde, educação, serviços e comércio, considerando a proximidade e/ou facilidade de deslocamento entre esses equipamentos e a área das habitações.

Contudo, percebe-se no objeto de estudo que, devido a inserção urbana dos conjuntos, entre outros fatores, as distâncias existentes entre esses equipamentos e as moradias limitam a garantia de acesso a esses serviços essenciais, principalmente para determinados grupos, como: idosos, pessoas de baixa renda e com mobilidade reduzida. Um exemplo disso se reflete na distância medida no deslocamento entre o Residencial Parque Petrópolis III e a Unidade de Saúde Antônio de Pádua que é de aproximadamente 3km.

Em relação ao lazer, observam-se três aspectos distintos na área em estudo: i. a generalização da “privatização” do lazer, com parquinhos e quadras restritos apenas aos condomínios, o que, de acordo com Ferreira (2012, p. 76), “é prática antiurbana, segregadora, e que não privilegia a diversidade social dos espaços da cidade”; ii. campos de pelada dispostos precariamente nos espaços livres para atender à demanda por locais de lazer gratuitos da população menos favorecida do entorno (Figuras 15 e 16); e iii. o espaço livre adotado pela população, entre a entrada dos Residenciais Parque Petrópolis II e III, que o caracterizou como uma praça e desenvolveu pequenos pontos de comércio devido à ausência na área (Figura 17 e 18).

Figura 15 – Um dos campos de pelada (jogo de futebol) ao fundo

Fonte: Autoral (2021)

Figura 16 – Outro campo de pelada

Fonte: Autoral (2021)

Figura 17 – Esquina da praça

Fonte: Autoral (2021)

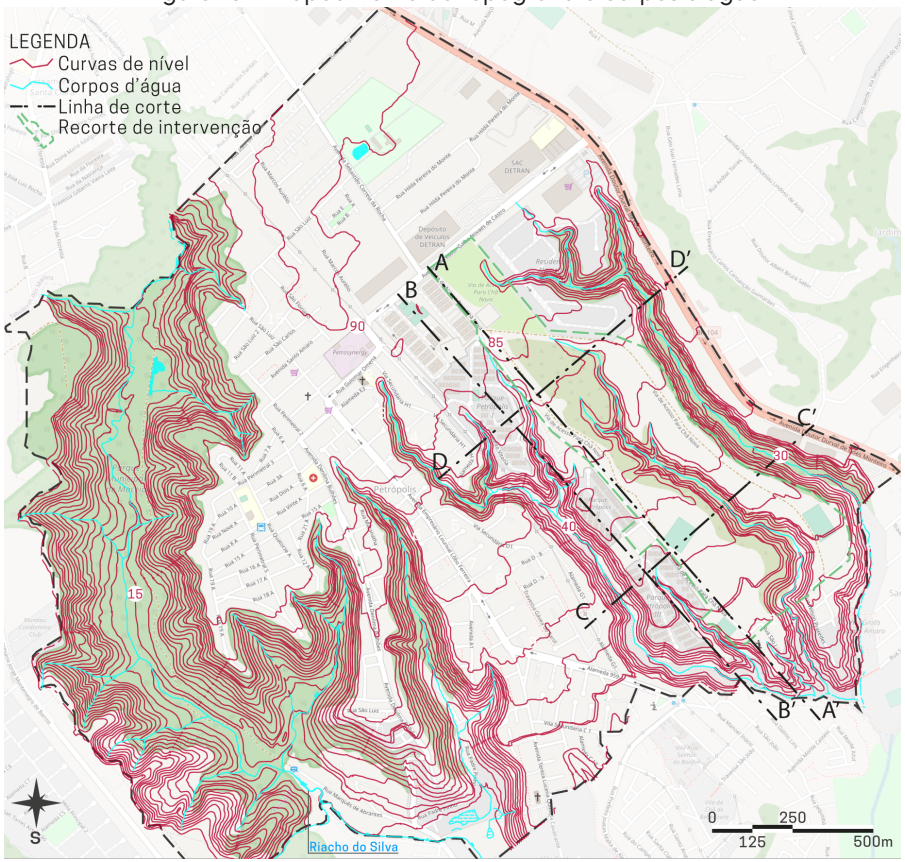
Figura 18 – Interior da praça

Fonte: Autoral (2021)

2.2.3 Condicionantes ambientais

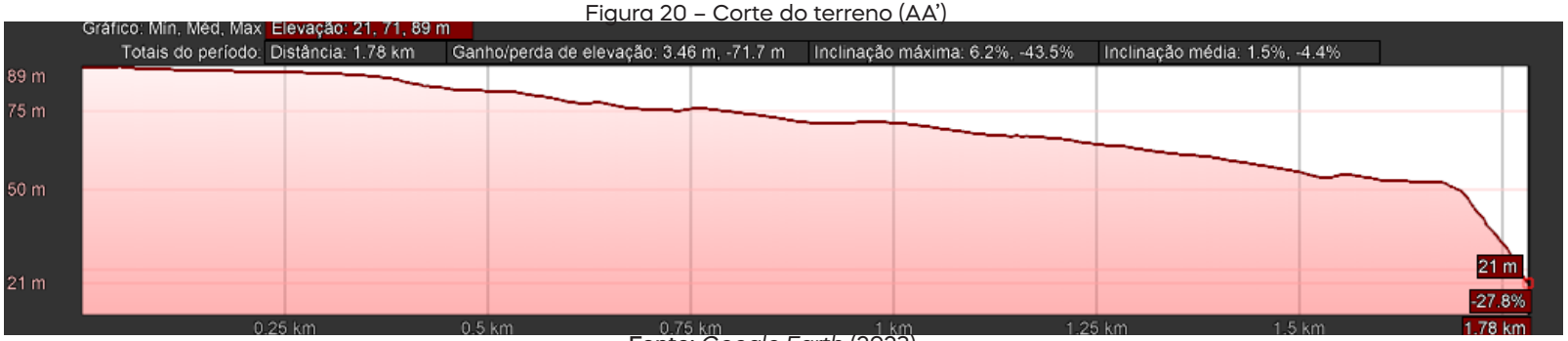
Ao analisar a área de estudo, observar-se, por meio do Mapeamento de topografia e corpos d'água (Figura 19) e dos cortes do terreno realizados pelo *Google Earth* (Figuras 20, 21, 22 e 23), que os conjuntos habitacionais Parque Petrópolis I, II e III foram estrategicamente localizados às margens da Via de Acesso para Chã Nova. Essa via apresenta uma declividade suave, e os perímetros dos conjuntos foram delimitados levando em consideração as áreas com declividade mais acentuada, conforme indicado pelas curvas de nível. Essa configuração permite facilitar os processos naturais de drenagem dos cursos d'água, contribuindo para a preservação ambiental da região.

Figura 19 – Mapeamento de topografia e corpos d'água



Fonte: *Open Street Maps* e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (SEDET), modificado pela autora (2023)

Figura 20 – Corte do terreno (AA')



Fonte: *Google Earth* (2023)

Figura 21 – Corte do terreno (BB')

Fonte: *Google Earth* (2023)

Figura 22 – Corte do terreno (CC')

Fonte: *Google Earth* (2023)

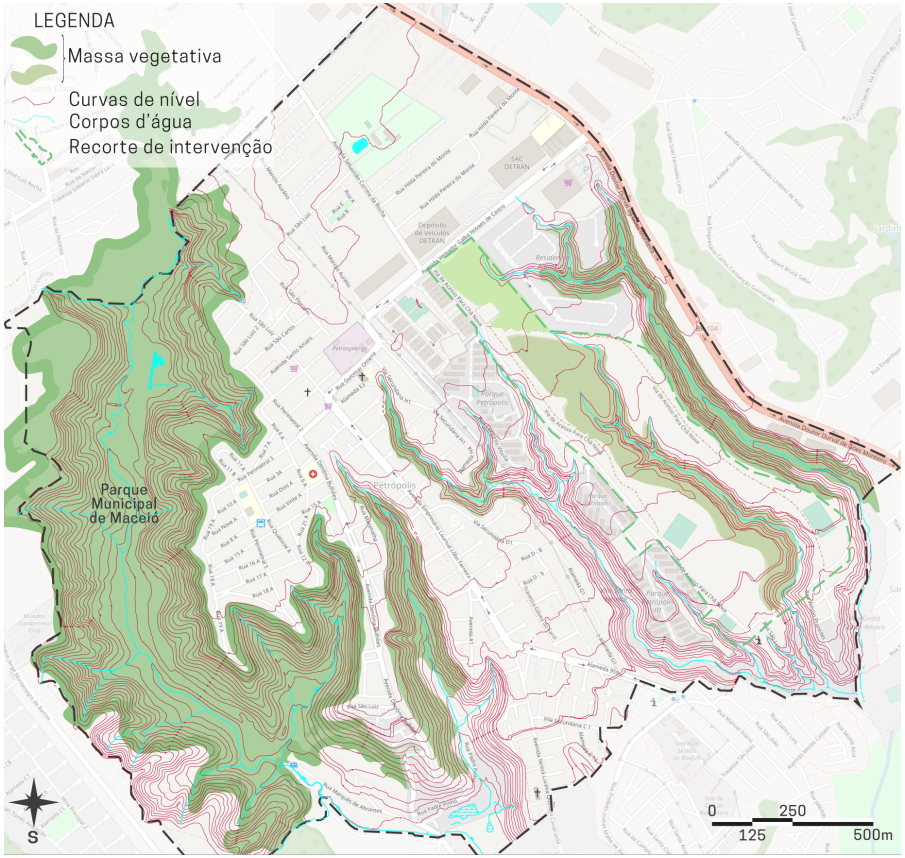
Figura 23 – Corte do terreno (DD')

Fonte: *Google Earth* (2023)

Por outro lado, é evidente que as áreas de encostas no entorno dos conjuntos habitacionais Parque Petrópolis, como é o caso da região limítrofe entre o bairro Petrópolis e os bairros Chã da Jaqueira e Santo Amaro, conhecida como Grota Santa Helena, foram ocupadas por habitações de forma irregular. Essa situação

expõe os moradores dessa região a uma “alta vulnerabilidade às calamidades naturais, a falta de perspectivas de trabalho próximo à residência, a ausência de transportes e de conexão com as áreas mais centrais, a falta de equipamentos de educação e saúde, e a violência” (Ferreira, 2012, p. 13).

Figura 24 – Mapeamento de massa vegetativa



Fonte: *Open Street Maps* e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente (SEDET), modificado pela autora (2023)

No que diz respeito à vegetação (Figura 24), o bairro apresenta áreas de relevância ambiental, como o Parque Municipal de Maceió, que faz parte da Macrozona de Restrição à Ocupação, conforme o zoneamento urbano de Maceió. Além disso, existem massas de vegetação próximas aos conjuntos habitacionais, no entanto, nota-se a ausência de um tratamento paisagístico que estabeleça conexões entre essa vegetação e os espaços livres utilizados pelos moradores.

2.2.4 Desdobramentos do Colapso Urbano

Além dos condicionantes físicos e ambientais mencionados anteriormente, é importante destacar que a cidade de Maceió enfrenta uma catástrofe urbana. Cinco bairros da capital (Bebedouro, Bom Parto, Mutange, Pinheiro e os limites do Farol) estão sofrendo com a subsidência do solo, em outras palavras, o afundamento do solo, causado pela instabilidade das cavidades resultantes da extração de sal-gema realizada pela empresa química e petroquímica Braskem (Santos; Lima; Bulhões, 2022).

Essa situação resultou na evacuação forçada de mais de 57 mil habitantes dessas localidades, bem como na desocupação de mais de 14 mil propriedades em um curto período de tempo (Figura 25), sem qualquer forma de indenização prévia às pessoas afetadas (Santos; Lima; Bulhões, 2022). São imensos os impac-

tos sociais e urbanísticos desse desastre socioambiental. E isso se reflete na cidade através das inúmeras perdas para a área, tais como: a perda de espaços de vida pública, dos patrimônios materiais e imateriais, dos equipamentos urbanos (Bulhões, 2022). Além disso, a interdição da Av. Major Cícero de Góes Monteiro trouxe impacto na mobilidade da cidade, incluindo a redução do transporte público na região e a necessidade de novas rotas para o transporte privado.

Figura 25 – Parte da área em subsidência com imóveis desocupados e com o início da execução do plano de demolição dos mesmos

Fonte: Lins (2023)

Outro reflexo dessa tragédia se deu no mercado imobiliário, que diante da remoção dos moradores e grande procura por imóveis, desencadeou a desvalorização da região e entorno da área em subsidência e elevou o preço do metro quadrado em outras áreas (Bulhões, 2022). Vale ressaltar também que os atingidos diretamente pela subsidência possuem perfis socioeconômicos distintos, de baixa a alta renda, sendo impactados de modo diferente na busca por nova moradia na cidade (Santos; Lima; Bulhões, 2022).

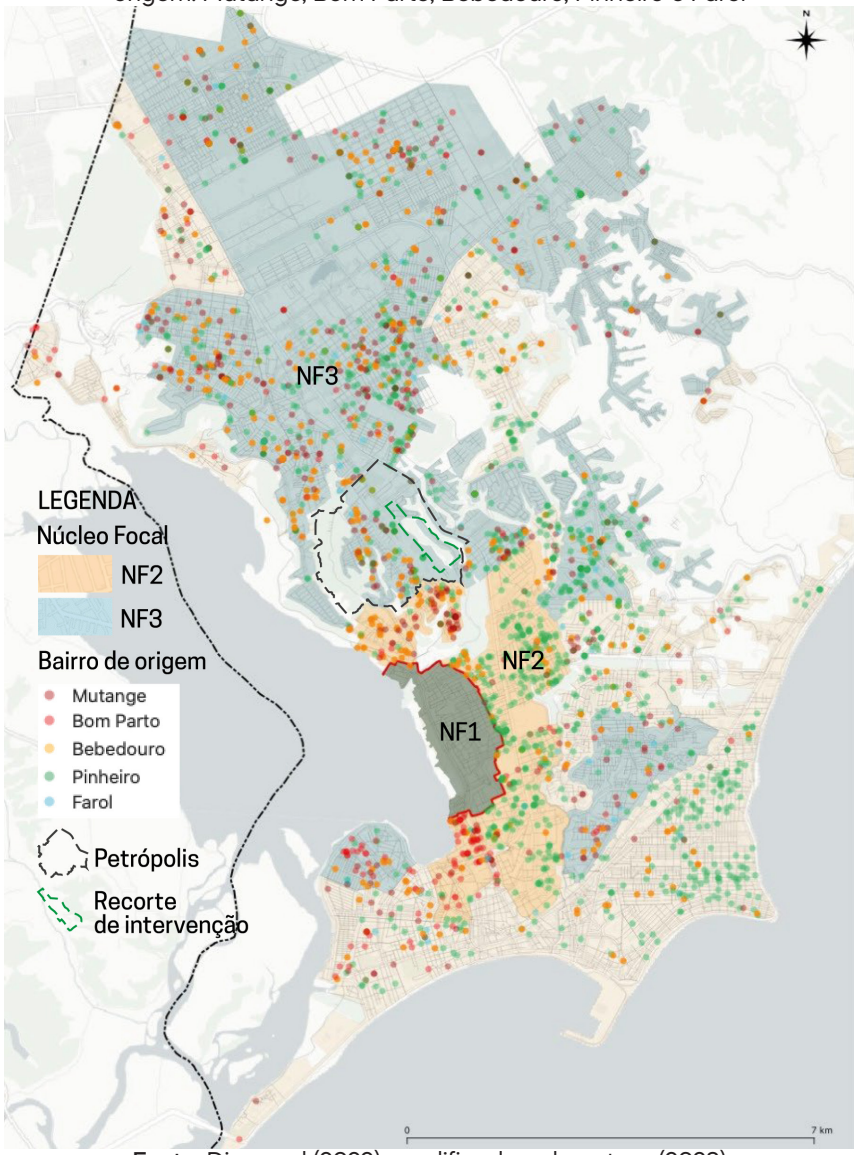
Percebe-se, diante das características socioambientais e a infraestrutura que era encontrada no pinheiro antes dos acontecimentos, que a maioria da população residente não estava em posição de vulnerabilidade. Já nos demais bairros, a maioria dos habitantes, em dinâmicas sociais e econômicas diferentes, sendo parte de baixa renda, estava mais suscetível à condição de vulnerabilidade (Bulhões, 2022). Isso se refletiu na migração das pessoas atingidas pelo desastre para os outros bairros da cidade. Considerando o contexto do bairro Petrópolis, houve um aumento da procura de moradias. Segundo Bulhões (2012, p.89-90, grifo nosso):

> A partir das entrevistas feitas com os moradores atingidos [...] é possível visualizar que os moradores do bairro do Pinheiro se espalharam mais por Maceió, indo morar em bairros da parte baixa como Cruz das Almas, Ponta Verde, Jatiúca, etc, bairros da parte mais alta como Barro Duro, Tabuleiro dos Martins, Antares, Santa Lúcia. E alguns moradores se mantiveram em locais mais próximos de onde moravam, como o bair-

ro da Pitanguinha, Gruta de Lourdes e Farol.
Já os moradores do Mutange, Bom Parto e Bebedouro demonstram deslocamentos mais expressivos para bairros periféricos de Maceió, como Santos Dumond e Cidade Universitária, além de outros bairros da parte alta como Antares, Santa Lúcia e Serraria. **Há também moradores que se deslocaram para uma área próxima de onde moravam, no bairro Petrópolis.**

Essa migração para o bairro Petrópolis foi confirmada com o diagnóstico realizado pela Diagonal. Esse documento Técnico Complementar define Núcleos Focais (NF) para análise. O NF1 corresponde à área afetada pelo evento geológico; o NF2 equivale ao entorno dessa área; o NF3 inclui as principais áreas anfitriãs, não tão próximas da NF1, para onde famílias migraram; e NF4 corresponde à cidade de Maceió (Diagonal, 2022 , p. 5-7). O bairro Petrópolis integra o NF3. Ressalta-se que mais de 70% da população mudou-se para NF2 ou NF3, sendo 2,2% dessa proporção realocada para o bairro Petrópolis, nas seguintes porcentagens por bairros de origem: 0,9 de Bebedouro, 0,1 Bom Parto, 0,0 Farol, 0,4 Mutange e 0,8 Pinheiro (Diagonal, 2022, p. 31) (Figura 26).

Figura 26 – Famílias realocadas pela cidade segundo bairro de origem: Mutange, Bom Parto, Bebedouro, Pinheiro e Farol



Fonte: Diagonal (2022), modificado pela autora (2023)

2.3 Legislação

2.3.1 Plano Diretor

Conforme o Plano Diretor vigente em Maceió, estabelecido pela Lei 5.486/2005, o bairro Petrópolis de divide em 3 áreas urbanas: Macrozona de Expansão Intensiva, Macrozona Prioritária para Implantação de Infra-Estrutura Urbana e Macrozona de Restrição à Ocupação. O objeto de estudo está localizado na Macrozona de Expansão Intensiva, que é composta por áreas de baixa densidade de ocupação ou áreas subutilizadas entre as áreas já ocupadas, localizadas no tabuleiro próximas aos vetores de crescimento urbano, e que possuem potencial para serem atendidas pelas redes de saneamento básico e pelo Sistema Municipal de Mobilidade.

Os objetivos dessa zona são:

> § 1o. [...]
> I – evitar aumento nos custos de infra-estrutura urbana em decorrência de uma expansão extensiva da Cidade;
> II – favorecer a integração entre as áreas já ocupadas;
> III – evitar grandes deslocamentos para a população residente na periferia (MACEIÓ, 2005, p. 68).

A Macrozona de Expansão Intensiva possui também as seguintes diretrizes:

> § 3o. [...]
> I – incentivo ao uso residencial e às atividades complementares à moradia;
> II – preservação da vegetação nas bordas dos tabuleiros para evitar desmoronamentos, avaliando a viabilidade de implantação de mirantes e via;
> III – melhoria da acessibilidade e mobilidade urbana;
> [...]
> V – estímulo aos empreendimentos e atividades econômicas de comércio e serviços que incentivem à ocupação urbana;
> VI – qualificação dos espaços públicos;
> VII – adoção de parâmetros urbanísticos para uso e ocupação urbana diferenciados nos lotes situados nas vias arteriais, especialmente na Avenida Menino Marcelo, e nos lotes situados em vias coletoras e locais (MACEIÓ, 2005, p. 69)

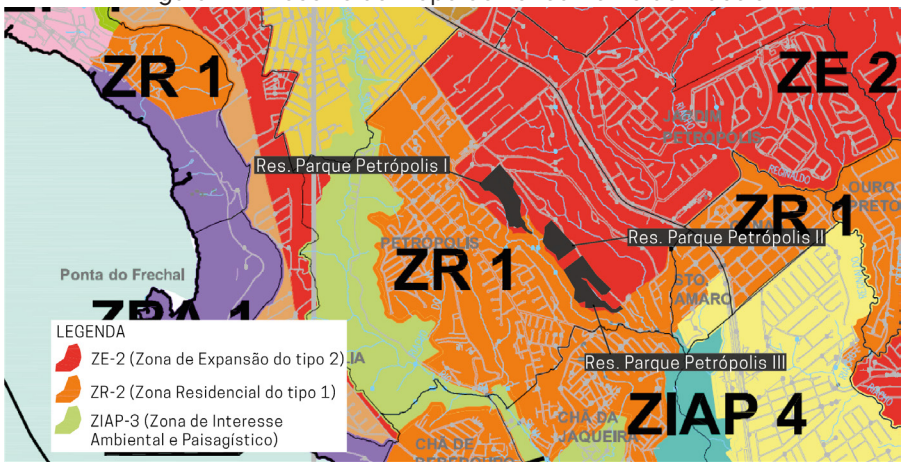
De acordo com o estabelecido no Estatuto da Cidade (Lei 10.257 de 2001), que estabelece a obrigatoriedade de revisão dos planos diretores municipais a cada dez anos, o Plano Diretor de Maceió deveria ter sido atualizado em 2015, momento esse em que se iniciou o processo de revisão. Contudo, até o presente trabalho o projeto não foi sancionado e/ou divulgado para a população.

2.3.2 Código de Urbanismo e Edificações de Maceió

De acordo com os parâmetros urbanísticos com base no Mapa de Zoneamento do Código de Urbanismo e Edificações de Maceió (MACEIÓ, 2007), o bairro Petrópolis está inserido em três zonas: Zona Residencial do tipo 1 (ZR-1), na qual a área é destinada predominantemente ao uso residencial; Zona de Expansão do tipo 2 (ZE-2), área com potencial para crescimento urbano; e Zona de Interesse Ambiental e Paisagístico (ZIAP-3), área do Par-

que Municipal de Maceió com usos destinados a atividades recreativas, científicas, culturais, tecnológicas e filosóficas. O objeto de estudo deste trabalho está inserido na zona ZE-2 (Figura 27).

Figura 27 – Recorte do Mapa de Zoneamento de Maceió



Fonte: Prefeitura de Maceió (2007), modificado pela autora (2023)

A Zona de Expansão do tipo 2 é uma área da cidade com potencial para crescimento urbano, que possui as diretrizes (MACEIÓ, 2007, p. 24):

> Art. 46. [...]
> I – verticalização alta, limitada a 20 (vinte) pavimentos e compatibilizada ao saneamento básico;
> II – atividades comerciais, de serviços e industriais de todos os grupos previstos nesta Lei, sem prejuízo da avaliação dos impactos ambientais e urbanos;
> III – estímulo aos empreendimentos e estabelecimentos de incentivo à implantação de infra-estrutura e serviços urbanos.

Apesar da existência dessas orientações, com destaque para a última mencionada, é evidente a falta de qualidade urbanística nos espaços livres no entorno dos conjuntos habitacionais, o que compromete a qualidade de vida dos residentes da região. Isso decorre da forma como a área foi ocupada, com a produção de Habitações de Interesse Social pelo mercado imobiliário, com financiamento de fundos públicos, em locais desprovidos de infraestrutura mínima. Tendo em vista essa carência na infraestrutura urbana, atribui-se uma dualidade de responsabilidade, abrangendo tanto o Estado quanto o mercado imobiliário, que, segundo Ferreira, se caracteriza (2012, p.28-29, grifo nosso):

> No que diz respeito à infraestrutura urbana, como transporte público, pavimentação das ruas, saneamento, energia elétrica, se determinados empreendimentos são construídos sem que ela exista, essa é, sem dúvida, questão que deveria competir ao Estado. De fato, não se pode culpar os empreendedores por construírem em locais sem infraestrutura urbana mínima, mas sim o poder público municipal, que autoriza a obra em locais inadequados.
>
> Porém, tais responsabilidades devem ser compartilhadas. Pois o mercado imobiliário e o da construção civil, por sua vez, fazem a "sua parte", ao colocar quase sempre **o retorno financeiro à frente de princípios básicos de boa urbanidade**. Frequentemente, forçam a expansão urbana para áreas sem infraestrutura, onde a terra é mais barata para eles, porém onerosa para o Estado, que será obrigado a fazer importantes investimentos públicos.

A valorização do lucro em detrimento da qualidade urbana é evidente na análise do objeto de estudo: i. o acesso aos conjuntos habitacionais é feito exclusivamente por uma via longa e linear, marcada por muros; ii. sem áreas públicas verdes e de lazer,

esporte, cultura e recreação; iii. transporte público limitado, com apenas 2 linhas de ônibus; iv. distante de serviços de saúde; entres outros pontos já mencionados. Isso afeta a acessibilidade, o conforto e a segurança dos habitantes. Em geral, a falta de investimentos em infraestrutura e serviços públicos sociais e urbanos pode gerar um ambiente pouco convidativo e, até mesmo, desagradável para seus usuários.

03 IMERSÃO

Partindo do olhar, da observação, da vivência, da imersão no recorte de intervenção, ampliou-se o entendimento dos espaços livres no entorno dos conjuntos habitacionais e as relações das pessoas com esse ambiente. Segundo Ciocoletto (2014, p.34, tradução própria):

> A observação participante é o estudo de um espaço específico, que permite relacionar o uso social com o espaço físico, de forma a determinar quem, onde, como e com quem é utilizado. Várias observações diretas e participadas devem ser feitas em diferentes horários e em diferentes dias da semana para estar no local o tempo suficiente para saber o que está acontecendo nele e entender as relações sociais e espaciais.

Utilizando esse método da observação participante, com a realização de visitas em diferentes dias e horários, somadas a captura de fotografias, eventualmente, das diferentes situações observadas, foram analisados alguns aspectos. São eles: a paisagem e a escala humana; o uso/atividades nos espaços livres; e serviços de infraestrutura urbana como iluminação, mobilidade e descarte de resíduos nos espaços livres.

3.1 A paisagem e a escala humana

Ao ingressar no recorte de intervenção, a primeira área livre de uso público a ser analisada é a rua, acrescentando à observação como as pessoas utilizam a mesma. Nela, observa-se que muros serpenteiam todo o percurso inicial, projetando-se em dimensões maiores que a escala humana (Figura 28). Erguidos com o propósito de transmitir uma falsa sensação de segurança aos moradores dos condomínios ou de segregação entre os espaços público e privado, como é o caso do lote vazio à esquerda do percurso, tendem a reforçar a sensação de medo e insegurança para aqueles que estão fora desses espaços.

Figura 28 – Início da Via de Acesso para Chã Nova

Fonte: Autoral (2023)

Além disso, a movimentação de pedestres nem sempre se faz presente ou em grande quantidade, e as diferentes proporções entre o leito carroçável e as calçadas podem transmitir a percepção de uma maior importância atribuída aos veículos

automotores em detrimento dos pedestres (Figuras 11 e 29). Vale destacar também que, durante as orientações coletivas de Trabalho Final de Graduação (TFG), uma das orientadas compartilhou uma experiência vivenciada ao caminhar na área de estudo desse trabalho, revelando uma sensação de insegurança devido à ausência de outras pessoas no percurso. Além disso, relatou que um rapaz em um veículo ofereceu carona ao passar, perguntando se ela estava a caminho dos conjuntos habitacionais. No entanto, devido ao receio de possíveis situações de violência baseadas em questões de gênero, ela recusou a oferta. Esse relato de memória destaca a preocupação e a sensação de medo que algumas pessoas enfrentam ao se deslocarem nesse espaço urbano.

Constata-se, também, a ausência de áreas de descanso devidamente projetadas com mobiliário que promova interação social, conforto e funcionalidade. Em vez disso, observam-se improvisos próximos aos campos de pelada, criados pelos próprios usuários do local, utilizando sofás velhos, cadeiras e tábuas desgastadas (Figuras 15 e 30). Isso levanta a questão: considerando a quantidade de habitações na área, será mesmo que os espaços livres desse entorno foram pensados priorizando a escala humana?

Figura 29 – Via de Acesso para Chã Nova próximo ao Residencial Parque Petrópolis II

Fonte: Autoral (2023)

Figura 30 – Área de descanso improvisada

Fonte: Autoral (2023)

3.2 Iluminação

Em relação à iluminação nos espaços públicos do recorte em análise, é possível constatar que a parte da Via de Acesso para Chã Nova, situada à margem dos Residenciais, conta com postes de iluminação distribuídos ao longo de sua extensão (Figura 31). Em contraposição, a parte sinuosa da Via de Acesso, que conduz ao terminal de Chã Nova (Figura 13), não dispõe de qualquer tipo de iluminação. Vale destacar um diálogo com minha mãe, em que ela relatou que, ao utilizar a linha de ônibus com destino ao terminal a noite, o motorista apagou as luzes internas do veículo para não deixar o interior visível e também trancou as portas ao atravessar essa área, considerando-a insegura (Figuras 32 e 33).

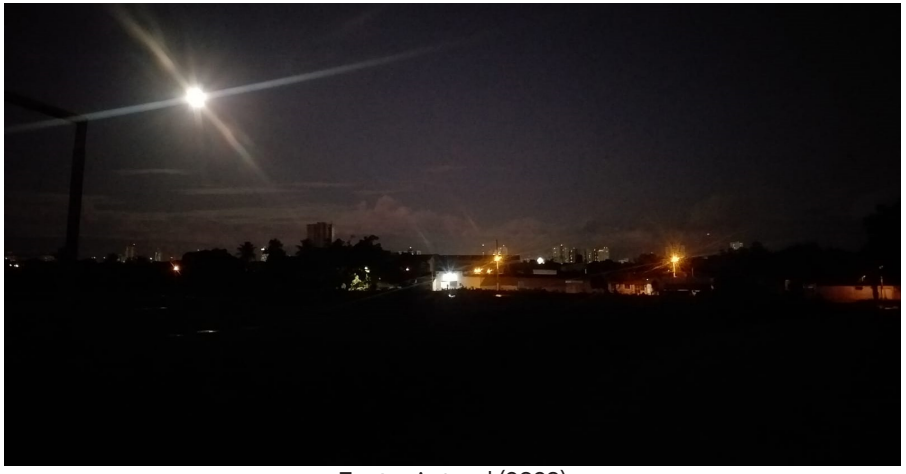
Figura 31 – Extensão da via entre Monte Alegre e o Residencial Parque Petrópolis III

Fonte: Autoral (2023)

Figura 32 – Via de Acesso que conduz ao terminal da Chã Nova no entardecer

Fonte: Autoral (2023)

Figura 33 – Via de Acesso que conduz ao terminal da Chã Nova à noite



Fonte: Autoral (2023)

3.3 Mobilidade

No que se refere a mobilidade, foi observado que a área às margens aos conjuntos habitacionais apresenta condições mínimas para deslocamento, com a presença de calçadas e pontos de ônibus de estrutura simples (Figura 34). Por outro lado, a região do Monte Alegre e Chã Nova apresenta condições precárias nesse aspecto. No trecho compreendido entre o Residencial Parque Petrópolis III e a região do Monte Alegre, não há a presença de calçadas, sendo apenas uma pista asfaltada repleta de irregularidades devido à falta de manutenção (Figura 35), e o único ponto de ônibus existente apresenta uma estrutura antiga, não acessível e encontra-se tomado pela vegetação (Figura 36).

Figura 34 – Ponto de ônibus entre o Residencial Parque Petrópolis II e III

Fonte: Autoral (2023)

Figura 35 – Trecho compreendido entre o Residencial Parque Petrópolis III e o Monte Alegre

Fonte: Autoral (2023)

Figura 36 – Ponto de ônibus do Monte Alegre

Fonte: Autoral (2023)

Na área da Chã Nova, no que se refere à infraestrutura, é importante ressaltar que não há disponibilidade de estrutura adequada nos pontos de ônibus, restringindo-se apenas à sinalização por meio de placas. Além da limitada oferta de transporte coletivo, conforme mencionado anteriormente, as opções de deslocamento são precárias. Para os moradores da Chã Nova, as alternativas disponíveis incluem: i. aguardar a linha 719, cujos intervalos de tempo são consideráveis (41 minutos); ii. percorrer a Via de Acesso para Chã Nova até os pontos localizados na Avenida Galba Novaes de Castro ou Durval de Góes Monteiro, a fim de ter acesso a um maior número de opções de linhas de ônibus; e iii. descer e subir pela grota e caminhar por ruas do bairro Santo Amaro até alcançar a Durval de Góes Monteiro.

Além das considerações inerentes à precariedade da caminhabilidade e do transporte público, é significativo mencionar uma vivência pessoal ocorrida devido à proximidade de residência com a área em estudo. Ao solicitar um serviço de transporte privado, a plataforma Uber, à noite para retornar para casa, o motorista questionou o destino específico e, posteriormente, relatou preocupação em adentrar na região de estudo para chegar ao destino final, mencionando que cancelaria a solicitação devido à sensação de medo que ele sentia sobre o local.

3.4 Descarte de resíduos

Outra problemática refere-se ao descarte irregular de lixo, que abrange desde resíduos de construção a lixo comum e/ou objetos velhos, em áreas não-edificadas (Figuras 37 e 38). Essa prática causa impactos negativos tanto ao meio ambiente quanto à população local, resultando em diversas consequências, tais como possível contaminação do solo, degradação visual da paisagem e propagação de doenças, entre outras.

Figura 37 – Descarte irregular de lixo próximo a entrada do Residencial Parque Petrópolis I

Fonte: Autoral (2023)

Quanto à periodicidade do serviço de coleta de lixo, observou-se que a coleta do lixo domiciliar, produzido pelos residenciais e pelas casas, é feita com caminhões compactadores con-

Figura 38 – Descarte irregular de lixo próximo ao Residencial Parque Petrópolis III

Fonte: Autoral (2023)

vencionais às segundas, quartas e sextas-feiras. Mas não há uma ação para coleta do lixo descartado irregularmente, e a prática permanece. Em conversas informais com os meus vizinhos moradores da área, foi mencionado, de acordo com a perspectiva de um morador, que aproximadamente 30% do lixo é descartado por moradores dos residenciais e 70% é por residentes do loteamento Jardim Petrópolis II (Loteamento no bairro). Outro relatou ter presenciado três vezes funcionários do residencial descartando lixo irregularmente.

3.5 Os usos e formas de apropriação dos espaços públicos

Ao abordar o lazer e a recreação como primeiro tópico desta seção, percebe-se que não foram construídos espaços livres públicos para uso recreativo, como praças e parques, na área em análise. Os espaços destinados ao lazer, como *playgrounds* e quadras poliesportivas são de uso privado pois foram criados apenas dentro dos limites dos residenciais, seguindo diretrizes estabelecidas pelo PMCMV na Portaria nº 465, de 3 de outubro de 2011:

> Os empreendimentos na forma de condomínio, com mais de sessenta unidades habitacionais, deverão conter equipamentos de uso comum, no mínimo de 1% do valor da edificação e infraestrutura, obrigatoriamente na seguinte ordem:
> a) espaço coberto para uso comunitário,
> b) espaço descoberto para lazer e recreação infantil,
> c) quadra de esportes (Brasil, 2011).

Esse modelo de elaboração das áreas de uso comum desconsiderando as comunidades próximas, como Monte Alegre, Chã Nova e o assentamento que começou a ser ocupado em 2015 entre os residenciais Parque Petrópolis I e II (Figura 39). Essa abordagem além de reforçar a ideia de generalização da "privatização" do lazer mencionada anteriormente, desconsidera a importância desses espaços na promoção da qualidade de vida de toda a população, especialmente daquelas em situação de vulnerabilidade no entorno.

Figura 39 – Ocupação do assentamento por meio do recurso “Visualização Histórica”

Fonte: *Google Earth*, modificado pela autora (2023)

Nesse sentido, observa-se a existência de demandas por espaços públicos de lazer que não estão disponíveis para aqueles que não moram nos residenciais. Além disso, nota-se a ausência de quadras de esporte equipadas, havendo apenas campos de pelada precários que ainda assim são utilizados (Figura 40). Em relação a esse tópico, destaca-se que, devido ao número de campos - cinco ao todo, são observados diferentes tipos de uso. Dois desses campos são mais utilizados aos finais de semana pelos moradores para a prática de futebol. Dois são utilizados nos dias úteis por alunos e instrutores de uma autoescola privada do bairro, que o utilizam para aulas práticas de direção de motos e carros. E por fim, o quinto campo encontra-se abandonado e sem uso regular.

Figura 40 – Moradores jogando futebol em um dos campos de pelada

Fonte: Autoral (2023)

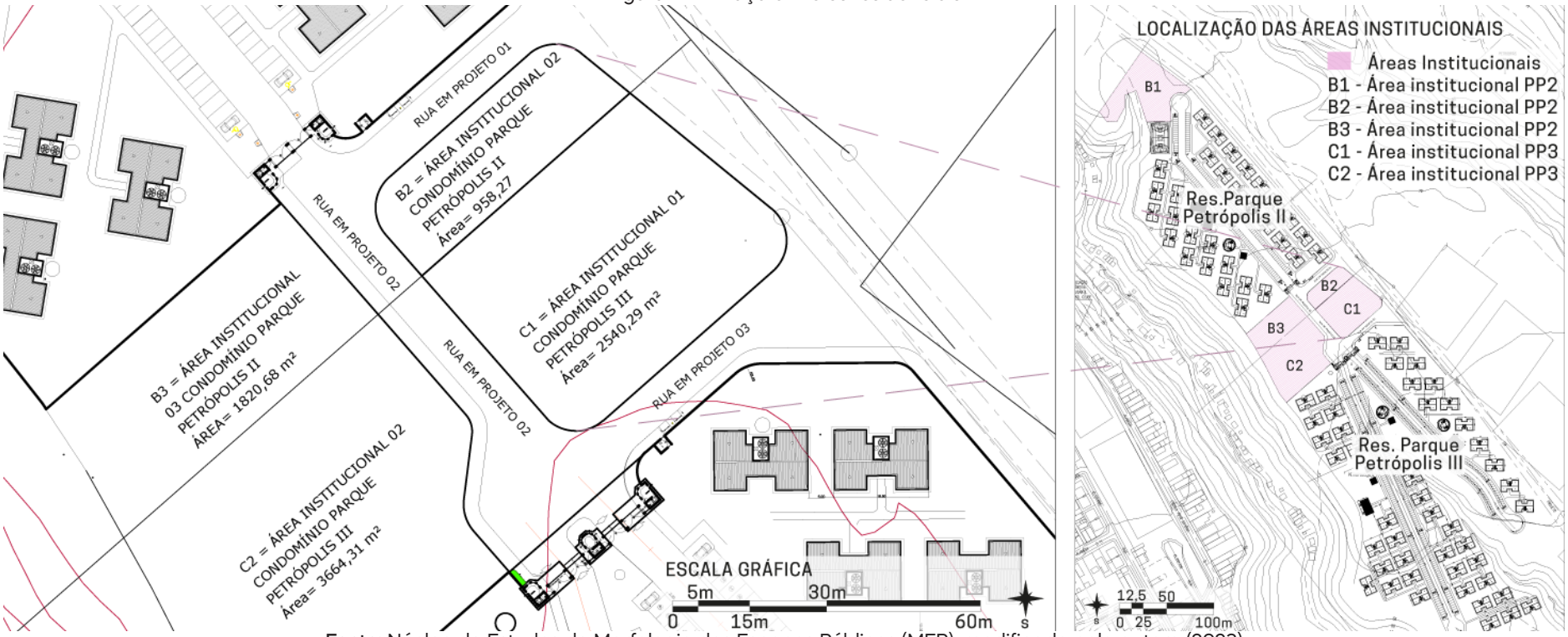
Outro espaço livre que merece destaque é o espaço localizado entre os acessos dos Residenciais Parque Petrópolis II e III. Trata-se de uma área institucional dos condomínios, localizada fora dos limites dos mesmos (Figura 41). O PMCMV estabelece,

para a garantia de áreas para equipamentos públicos, na Portaria nº 465, de 3 de outubro de 2011, a seguinte diretriz:

> Sem prejuízo das exigências municipais de destinação de áreas públicas para aprovação de projetos independente do seu porte, os empreendimentos que totalizem mais de mil unidades, deverão ter garantidas áreas para implantação dos equipamentos públicos necessários para atendimento da demanda gerada por estes (Brasil, 2011).

Considerando que o Residencial Parque Petrópolis II dispõe de 480 apartamentos e o Residencial Parque Petrópolis III possui 720, os empreendimentos totalizam um somatório de 1200 unidades. Acredita-se que a área entre os acessos desses residenciais, bem como as outras áreas institucionais, foram dispostas para atender a norma citada. Entretanto, esses espaços não foram contemplados com infraestrutura adequada às características de um espaço público qualificado, como uma praça bem equipada ou outro tipo de equipamento aberto à comunidade em geral.

Figura 41 – Praça entre os residenciais



Fonte: Núcleo de Estudos de Morfologia dos Espaços Públicos (MEP), modificado pela autora (2023)

A partir de 2015 esse espaço entre os acessos dos residenciais foi adotado pela comunidade local como uma espécie de praça, onde se encontram estabelecimentos comerciais (Figura 42 e 43). Por meio das visitas realizadas, observou-se que a maioria desses estabelecimentos, como pequenas lanchonetes, lojas de roupas e bares, costumam funcionar com maior frequência durante a noite, além de funcionarem em horários diurnos e/ou noturnos durante os finais de semana (Figura 44).

Figura 42 – Ocupação da praça por meio do recurso "Visualização Histórica"

Fonte: *Google Earth*, modificado pela autora (2023)

Figura 43 – Pontos comerciais estabelecidos em 2019

Fonte: *Google Street View* (2019)

Figura 44 – Pontos comerciais estabelecidos atualmente

Fonte: Autoral (2023)

Outros estabelecimentos localizados nessa praça improvisada, como o restaurante Rancho Bom (Figura 45) e uma sorveteria, abrem tanto nos finais de semana como em dias úteis, seguindo normalmente horários comerciais. Vale mencionar ainda a mercearia local, que não está localizada especificamente na praça, mas sim na calçada do Residencial Parque Petrópolis III. Esse estabelecimento costuma funcionar tanto em dias úteis como nos finais de semana em horários diurnos e noturnos (Figura 46).

Além das questões mencionadas anteriormente, é importante ressaltar que, embora a observação participante não tenha se estendido de modo intenso aos espaços livres dentro dos limites dos conjuntos habitacionais, devido à presença de guaritas e à necessidade de autorização para acesso, foi possível identificar no Residencial Parque Petrópolis III algumas atividades coletivas realizadas pela gestão do condomínio e seus moradores. Duas atividades em particular foram observadas: a primeira foi um projeto de aulas de zumba realizadas uma vez por semana durante a noite, e a segunda foi a organização de uma festa junina, ambas ocorrendo na quadra privada do condomínio, demonstrando a demanda por tais atividades.

Figura 45 – Restaurante Rancho Bom

Fonte: Autoral (2023)

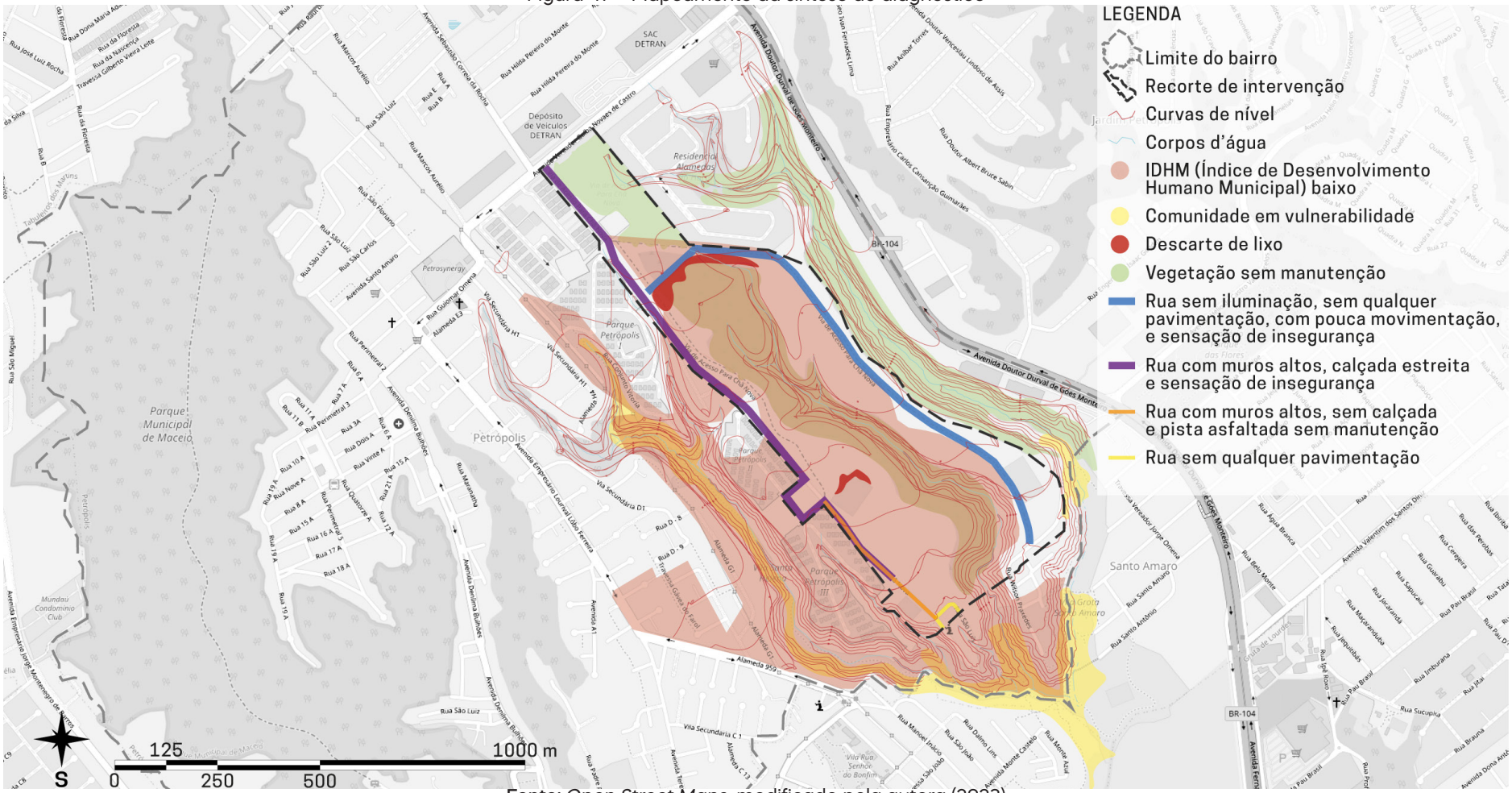
Figura 46 – Mercearia local

Fonte: Autoral (2023)

3.6 Síntese

Por fim, o mapeamento dos principais problemas do recorte (Figura 47), advindo da sobreposição dos mapeamentos do capítulo anterior junto a observação participante, permitiu a construção de um quadro síntese (Quadro 1) dos problemas e potencialidades da área em estudo.

Figura 47 – Mapeamento da síntese do diagnóstico



Fonte: *Open Street Maps*, modificado pela autora (2023)

Quadro 1 – Quadro síntese da área em estudo

EIXO TEMÁTICO	PROBLEMA	POTENCIALIDADE
Infraestrutura	Descarte irregular de lixo; Ausência de iluminação e pavimentação em determinados trechos, com pouca movimentação e sensação de insegurança; Ausência de calçadas e falta de manutenção da pista asfaltada em determinados trechos;	Possibilidade de implantação da infraestrutura ausente com uma nova configuração do traçado atual, associando a via, por exemplo, características de um parque urbano;
Atividades	Falta de equipamentos públicos de saúde, lazer, esporte, cultura e recreação, restando apenas campos de pelada precários e uma praça (espaço livre adotado pela comunidade); Pouca diversidade de uso no recorte;	Possibilidade da criação de equipamentos públicos de saúde, lazer, esporte, cultura e recreação nos espaços livres; Possibilidade de requalificação da praça para fortalecimento do comércio local;
Características socioeconômicas e ambientais	Falta de incentivos governamentais para gerar renda local com base nas potencialidades existentes; Comunidades em vulnerabilidade social, com habitações em áreas de risco;	Possibilidade de geração de renda através da instalação de empreendimentos nos espaços livres; Possibilidade de inclusão e utilização de paisagismo como meio de promover o acesso à subsistência da população; Paisagismo pode garantir a preservação das áreas de várzea, e evitar uma futura ocupação informal da grota.
Mobilidade	Rua com barreiras físicas - muros altos - e psicológicas, relacionadas à ausência de segurança em deslocamentos a pé; Quando existentes, as calçadas são estreitas; Pouca conexão entre os tecidos - vias longas que demandam grandes distâncias para integração com a malha urbana; Transporte público limitado (apenas 2 linhas de ônibus para os moradores dos residenciais, do assentamento e do Monte Alegre, e 1 linha para os moradores da Chã Nova.	Possibilidade de alargamento e/ou criação de calçadas nos espaços livres; Possibilidade de aumento da oferta de transporte público; Possibilidade de criação de permeabilidade visual por meio da substituição ou retirada das barreiras físicas (muros).

Fonte: Autoral (2023)

04 RETRATOS

A partir da síntese dos problemas e das potencialidades da área de estudo, viu-se a necessidade de uma busca por referências de projetos, de grandes espaços urbanos, que retratam estratégias funcionais e inspiradoras. Foram escolhidos três estudos: Parc de la Villette, Parque Zoobotânico Mangal das Garças e Parque Fazendinha.

O primeiro foi escolhido por se tratar da revitalização de terrenos abandonados e pouco desenvolvidos em uma área de 55 hectares, extensão aproximada da área de intervenção desse trabalho. O segundo foi definido devido a sua ênfase no aproveitamento máximo das condições paisagísticas. E o terceiro, embora seja uma área com dimensões consideravelmente inferiores se comparadas à área de intervenção desse trabalho, foi selecionado por ser uma referência de projeto voltado ao urbanismo social desenvolvido por uma arquiteta e ativista urbana negra.

4.1 Parc de la Villette

O projeto está situado em Paris, na França. Com autoria de Bernard Tschumi e paisagismo de Ursula Kurz, possui 55 hectares (Figura 48), área antes utilizada pelos matadouros e que passou a "representar um grande vazio no coração de uma zona popular" (Mohr, 2003, p. 113). Foi fruto de um concurso internacional que visava a ocupação da área ociosa por um projeto de um parque. A primeira tentativa ocorreu em 1975 com a organização de um concurso, mas o plano se desfez e optou-se por reativar os matadouros. Mas em 1982, com a realização de outro concurso, foi escolhido o projeto vencedor, de Bernard Tschumi (Mohr, 2003, p. 116).

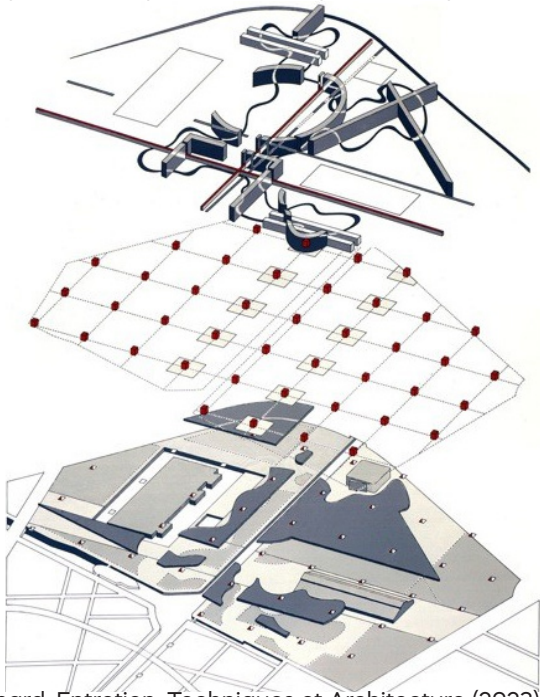
Figura 48 – Vista aérea do Parc de la Villette

Fonte: Philippe Guignard

Mohr (2003, p.122) afirma que o projeto propõe que o parque "represente a continuidade do fato urbano, uma parcela componente e uma função inerente à cidade", com sua funda-

mentação espacial apoiada em sistemas. Segundo Souza (2023), o parque possui três sistemas: “superfícies, que são os espaços verdes abertos; linhas, os caminhos do parque; e pontos, estruturas icônicas pintadas em vermelho sem um programa pré-definido” (Figura 49).

Figura 49 – Princípio da sobreposição: linhas, pontos e superfícies



Fonte: TSCHUMI, Bernard. Entretien. Techniques et Architecture (2023)

Pensado como um espaço de cultura, no qual o natural e o artificial se fundiriam em uma circunstância de incessante reconfiguração e descoberta (Souza, 2023), o parque dispõe de inúmeros atrativos. Esses se dividem em três: equipamentos, folies e jardins. Nos equipamentos ocorrem eventos como apresentações teatrais e circenses, concertos musicais e exposição de artes. Como exemplo, temos: La Geode, um cinema em formato de esfera (Figura 50); Cidade da Música (Figura 51); Museu da Ciência e Indústria; e Conservatório Nacional de Música e Dança de Paris. Os espaços onde se situam os equipamentos são destinados ao lazer, esporte, descanso, mercado, entre outras coisas (Prado *et al.*, 2020).

Figura 50 – La Geode

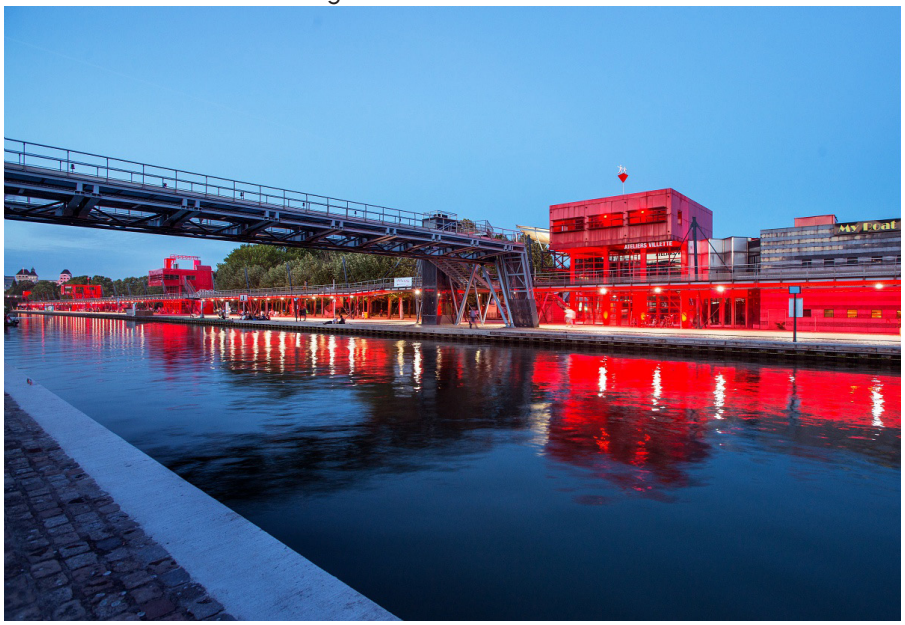
Fonte: CharlineFéral

Figura 51 – Cidade da Música

Fonte: Le Site de l’événementiel

Os *folies*, estruturas em vermelho (Figura 52), são o denominador comum do parque e formam uma malha ortogonal devido a sua disposição. Embora a maioria não possua um programa pré-definido, alguns têm função como restaurante, café e posto de primeiros socorros. Como exemplo, temos: Argonauta, abriga antigo submarino da Marinha Francesa; Zenith, arena interna de multiuso; Trabendo, sala de concertos; e Villette Markes, espaço para criatividade (Prado *et al.*, 2020).

Figura 52 – Villette Markes



Fonte: Bruno Delamain

Além disso, o Parc de la Villette possui doze jardins temáticos, que foram pensados como espaços para interação com os visitantes. Os temas variam entre o sol, a água, o som, o vento ou os espelhos. Como exemplo, temos: Jardim das Ilhas, um ambiente para relaxar que possui vegetação com maior concentração e também já foi palco para concertos; Jardim do Dragão (Figura 53), que possui uma escultura de 80 metros em formato de dragão que além de ser uma obra de arte também serve como brinquedo por sua língua ser um escorregador; Jardim dos Ventos e Dunas (Figura 54), que proporciona recreação com o intuito de exercitar habilidades motoras; e Jardim de espelhos, com monólitos de 2 metros de altura que formam espelhos, espalhados pela instalação, que ao serem iluminados a noite formam efeitos de sombras. (Prado *et al.*, 2020).

Figura 53 – Jardim do Dragão

Fonte: TB/Time Out

Figura 54 – Jardim dos Ventos e Dunas

Fonte: A. Legrain

4.2 Parque Zoobotânico Mangal das Garças

O projeto está situado às margens do rio Guamá, em Belém, no Pará. Com autoria do projeto paisagístico pela arquiteta e paisagista Rosa Kliass e do projeto arquitetônico pelo arquiteto Paulo Chaves, possui 4,05 hectares (Gorski, 2008, p.191-192). A proposta desse parque público, iniciada em 1999, visava não somente transformar o terreno abandonado de uma zona naval (Figura 55) em um espaço verde natural, mas também devolver, aos habitantes locais, a vitalidade do espaço, permitindo a sua apropriação (Gorski, 2008, p.193). Pois segundo Gorski (2008, p.193), "O terreno abandonado às margens do rio Guamá, em processo de degradação, estava cercado e inacessível à população, desvinculado do tecido urbano e em estágio de degradação ambiental".

Figura 55 – Vista aérea da área antes da intervenção e o rio Guamá

Fonte: Arquivo Rosa Grena Kliass, por Gorski

Com o objetivo de permitir que a comunidade local vivenciasse a natureza e as águas junto ao centro histórico de Belém, foi idealizada a conversão de uma área de aterro subutilizada sobre a antiga várzea do rio no Parque Mangal das Garças (Figura 56) (Gorski, 2008, p.193). Dentre as propostas desenvolvidas, des-

taca-se a recuperação da vegetação aquática e, especialmente, das aningas e re-introdução de espécies vegetais nativas. Além disso, foi proposta a criação de espaço educacional e recreativo, de espaços contemplativos e de integração ao rio e ao parque e de equipamentos de estímulo ao convívio com a natureza (Gorski, 2008, p.194).

Figura 56 – Vista aérea da área de intervenção e o rio Guamá

Fonte: Arquivo Rosa Grena Kliass, por CIAR UFG

O programa de necessidades considera a inserção de equipamentos de suporte e de lazer, que se refletem em dois setores no desenho do parque. O primeiro funciona como apoio ao funcionamento do parque, contendo: portaria; estacionamento; bicicletário; administração; depósitos e equipamentos; Armazém do Tempo, pavilhão em estrutura metálica reciclada de antigo galpão, utilizado hoje para exposição/venda de artesanato, souvenirs, cds, livros e um Café (Figura 57); Praça Murmúrio; Memorial Amazônico da Navegação (MAN), o museu da navegação; banheiros; e o restaurante Manjar das Garças (Mergulhão, 2009, p.108).

Figura 57 – Armazém do Tempo

Fonte: Arquivo Rosa Grena Kliass, por CIAR UFG

O segundo setor reflete um caráter naturalístico, remetido a contemplação da paisagem e da natureza. Nele contém: Fonte dos Caruanas; as regiões de terra firme, de campos e de várzeas; Lago da Ponta; Lago do Cavername; ilhota; viveiro de pássaros;

borboletário (Figura 58); Farol de Belém; Mirante do rio Guamá (Figura 59); aningal; recantos coberto por pergolados; malocas de venda de *souvenirs* e lanches caminhos; passarelas; e pontes (Mergulhão, 2009, p.108-109).

Figura 58 – Borboletário

Fonte: Arquivo Rosa Grena Kliass, por CIAR UFG

Figura 59 – Passarela de acesso ao Mirante que permite uma vista ampla do rio Guamá e do centro histórico de Belém, com 100 metros de comprimento sobre a várzea

Fonte: Organização Social Pará 2000

Além de ser um dos pontos turísticos mais elogiados de Belém com seus lagos, pássaros, vegetação típica, espaços de lazer, restaurante, vistas deslumbrantes sobre a cidade e o rio (Organização Social Pará 2000), o Mangal das Garças é também o palco do Projeto EcoArte (Figura 60). O mais recente projeto no parque visa promover a educação ambiental e a cultura regional de forma lúdica com atividades como contação de histórias, pintura, oficinas diversas utilizando materiais reciclados (Santos, B., 2023).

Figura 60 – EcoArte

Fonte: Beatriz Santos (2023)

4.3 Parque Fazendinha

O projeto situa-se em Jardim Colombo, São Paulo. Possui autoria de Ester Carro e Veronica Vacaro. A construção do Parque Fazendinha faz parte de um processo de transformação física, cultural e social. A transformação física foi baseada em limpar uma área livre de 1000m² com declive de 18 metros, conhecida como Fazendinha pela comunidade, que, embora se tratasse de uma área livre em uma ocupação carente de espaços públicos, era usada para descarte de lixo, uso inadequado para as questões ambientais e de saúde pública (Figura 61). Seguindo esse processo, posteriormente, a ideia seria viabilizar um espaço de lazer com infraestrutura, promovendo vitalidade, acessibilidade, identidade e resiliência (Instituto Fazendinhando, 2019).

Em paralelo a transformação física do terreno, foi elaborada uma programação artística e cultural constante, visando a ocupação e apropriação do espaço pelos moradores e a ampliação da conscientização dos mesmos em relação às questões como: cuidado com o entorno e com o meio ambiente, respeito e trabalho coletivo (Instituto Fazendinhando, 2019). O projeto foi desenvolvido através de um processo participativo, no qual a comunidade foi ouvida. Para isso foi realizado o Festival de Artes do

Figura 61 – Etapa inicial no terreno da Fazendinha

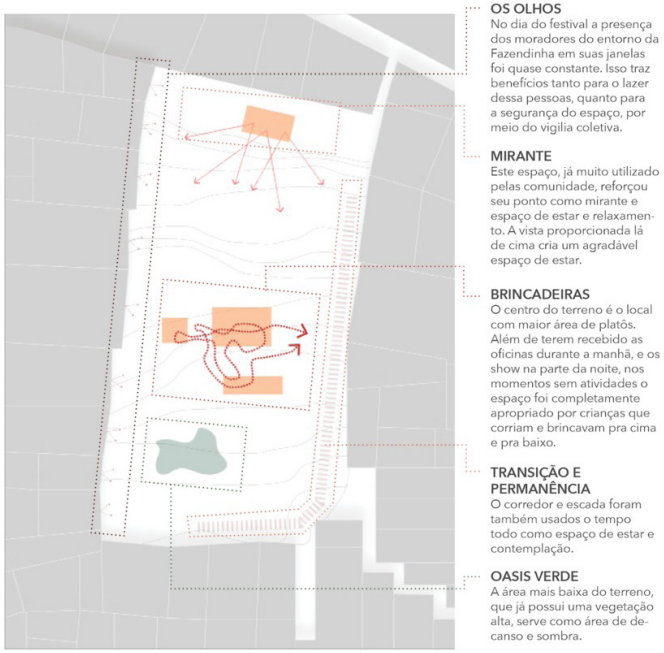
Fonte: Movimento Fazendinhando (2019)

Jardim Colombo. Nele foram realizadas diversas atividades, destaca-se a oficina Fazendinhando, que visava instigar os participantes a imaginarem além do lixo e a sonharem com o parque (Movimento Fazendinhando, 2020).

Também em paralelo a atividade de leitura dos produtos resultantes das oficinas, foi feita uma análise de aspectos como: o uso espontâneo do espaço por aqueles que passavam e de que modo a área estimulava as pessoas a experimentar, estar, brincar e transitar; e de que modo a vida ocorria ali e como passou a ocorrer durante o festival, uma espécie de “teste” de apropriação. Como resultado dessa análise foi possível notar os principais

aspectos dos usos e fluxos (Figura 62). As formas de apropriação, tanto nas atividades mais direcionadas quanto nos momentos mais livres, já direcionavam caminhos que o projeto poderia seguir (Movimento Fazendinhando, 2020).

Figura 62 – Diagrama de uso do espaço no dia do festival



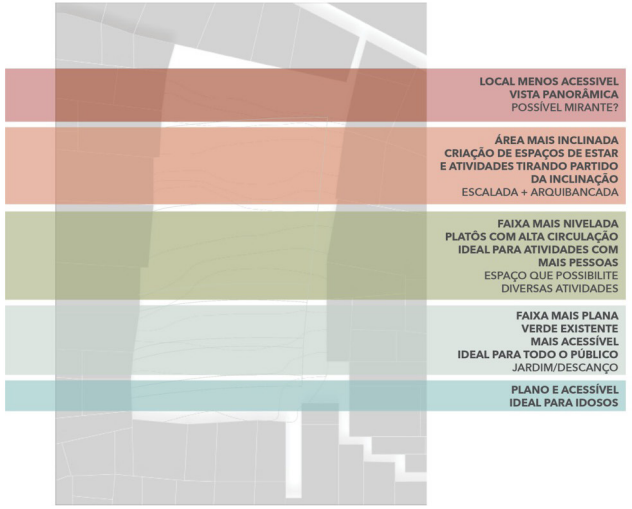
Fonte: Movimento Fazendinhando (2019)

O processo participativo na elaboração do projeto do parque foi fundamental para a definição de seus equipamentos, de modo que os moradores se sentissem contemplados e se apropriassem mais do espaço. O Movimento Fazendinhando afirma que (2020):

> Se antes ali era visto por muitos como um vazio, lugar de ninguém, passa agora a ser enxergado por cada um como o seu lugar e, portanto, passa a ser zelado e cuidado. Após o festival, jovens e crianças começaram a ocupar o espaço, agora valorizado pela população do entorno que automaticamente começou a diminuir o descarte de lixo, como era de costume.

Após análise dos resultados da oficina Fazendinhando em conjunto com a observação da apropriação do espaço, foi desenvolvida a estratégia de dividir as áreas do terreno em cinco partes (Figura 63), com o intuito de implementar um desenho urbano e atividades que se utilizem da topografia como uma potencialidade. Assim, essas áreas englobariam diversas possibilidades para várias idades, a depender da acessibilidade, e para várias atividades ao decorrer do ano (Instituto Fazendinhando, 2019).

Figura 63 – Diagrama de potenciais do espaço



Fonte: Movimento Fazendinhando (2019)

A Fazendinha representa uma transformação espacial ao longo de décadas, que enevoou sua história. O que costumava ser uma fazenda, passou a ser lixo, inerte e assustador. Assim, esse projeto visa resgatar a história por meio do desenho urbano, retomando a vitalidade e a vibração que um dia existiram ali. A ideia é restabelecer a conexão da comunidade com a natureza, relembrando a "Refazenda" de Gilberto Gil e reconectando as pessoas a esse espaço (Movimento Fazendinhando, 2020).

Unido as carências e desejos da comunidade com as potencialidades do terreno, o programa do parque conta, em seus diferentes níveis, com: Mirante com jardim para contemplação; Arquibancada de pneus com jardim, parede de escalada e escorrega; Plano de concreto para diversas atividades, incluindo shows, espaço permeável para brincadeiras e estrutura para fixar tela para cinema aberto balanços, entre outras possibilidade; Jardim com horta comunitária e áreas de descanso; e Jardim com área de descanso e mesa para jogos (Movimento Fazendinhando, 2020) (Figura 62 e 63).

Além de ser um fluxo de passeio, descanso, atividades e vivências, o projeto traz em sua identidade uma atmosfera de conexão com a natureza e campo, como uma fazenda. A grama predomina em todo o parque, e quando o concreto aparece, devido à necessidade de criar planos rígidos, são realizadas pinturas preservando os tons de verde e criando movimento com formas irregulares e geométricas. Os equipamentos e mobiliários possuem tons quentes, remetendo aos alimentos que antigamente eram plantados ali. No ponto mais alto propõe-se uma estrutura em madeira que forma um pavilhão com visão para o Parque e a comunidade. Assim é criada uma permeabilidade tanto física quanto visual entre as extremidades do terreno, ao passo em que surge “um respiro no coração do Jardim Colombo” (Instituto Fazendinhando, 2019) (Figura 64).

Figura 64 – Perspectiva do Parque Fazendinha

Fonte: Movimento Fazendinhando (2019)

05 DELINEANDO LAÇOS

Depois da análise de diversas informações sobre os espaços livres urbanos do bairro, com foco no entorno dos conjuntos habitacionais Parque Petrópolis, e da investigação sobre referências de projetos em grandes espaços urbanos, pode-se compreender o que os espaços representam e como impactam no cotidiano de moradores locais. Por meio da síntese apresentada no capítulo *Imersão*, identificou-se os principais problemas relacionados ao objeto de estudo (problemas de infraestrutura, falta de equipamentos, características socioeconômicas negativas e problemas de mobilidade).

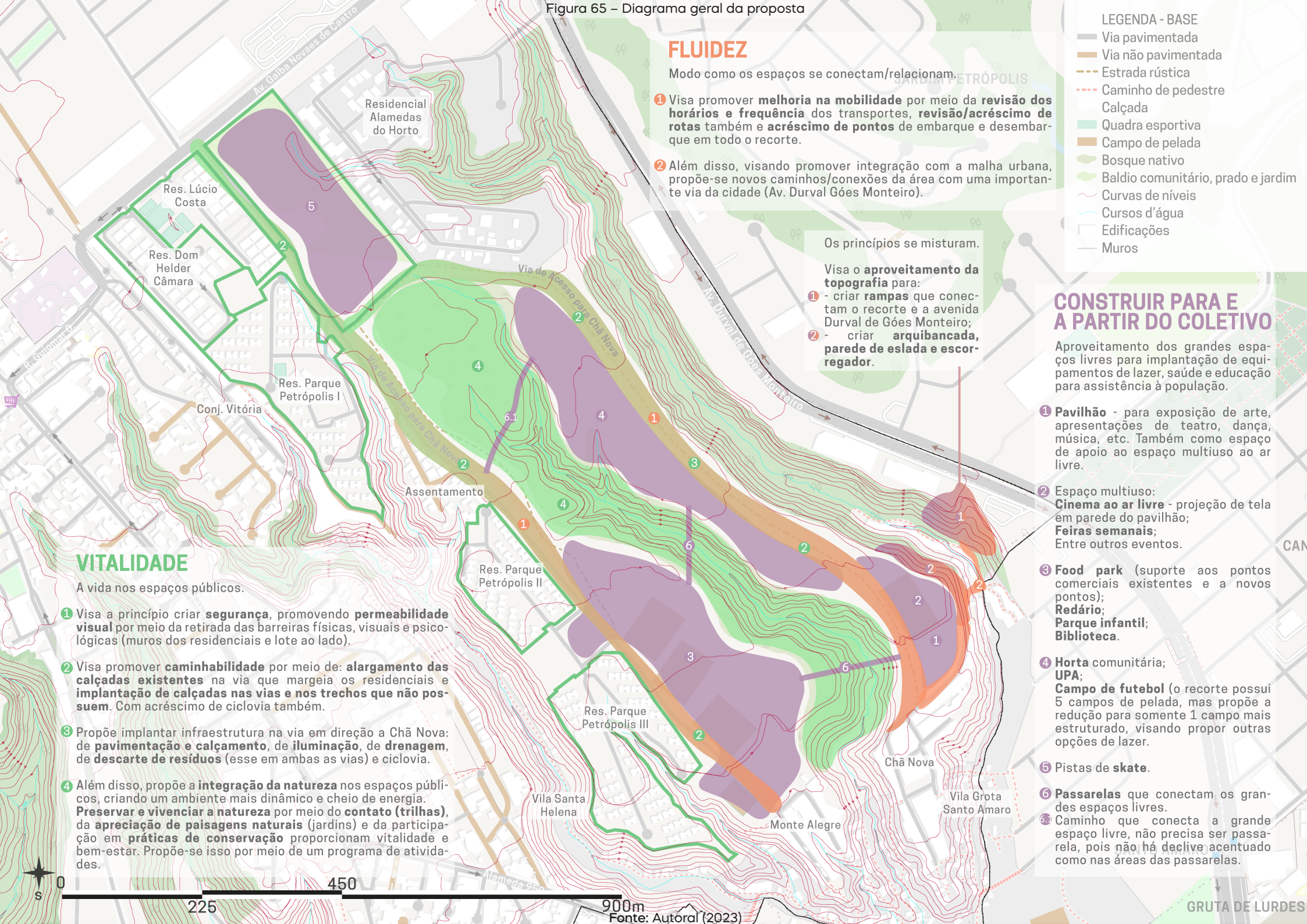
Além disso, foi possível observar os pontos-chave nos quais a proposta pode atuar para melhoria da área e potencialização das características positivas. Elencando essas considerações, ressalta-se que a proposta de intervenção urbana para o recorte não busca solucionar todos os problemas de modo abrangente. Ao invés disso, visa abordar os aspectos que possam melhorar a qualidade do espaço urbano e habitacional por meio de soluções adequadas à vida cotidiana local.

5.1 Conceito, intenções e princípios

> O conceito de vida cotidiana é um tema amplamente estudado e de difícil definição. Definimos a vida cotidiana como o conjunto de atividades que as pessoas realizam para satisfazer suas necessidades nas diferentes esferas da vida, que incluem tarefas produtivas, reprodutivas, pessoais, políticas ou comunitárias. Essas atividades ocorrem em um suporte físico (bairro, cidade, território) e em um tempo determinado.[...]
>
> O bairro adquire relevância quando é entendido como o ambiente próximo às residências, onde a maioria das tarefas diárias de reprodução para o desenvolvimento da vida das pessoas ocorre, além de ser o espaço imediato das pessoas dependentes.
>
> É necessário ter acesso a pé aos espaços públicos a partir da moradia, onde nos relacionamos e socializamos, estabelecendo laços de ajuda mútua; aos equipamentos que apoiam as tarefas diárias e melhoram a qualidade de vida; aos estabelecimentos comerciais onde nos abastecemos; e ao transporte público, necessário para nos deslocarmos para outras atividades. (Ciocoletto, 2014, tradução própria)

Ao abordar os espaços da vida cotidiana, que, segundo Ciocoletto (2014, p.13, tradução própria), são suporte físico para os usos sociais e as atividades intrínsecas à essência do cotidiano, emerge o conceito do ***espaço urbano como extensão do lar***. A partir dessa perspectiva, busca-se propor uma intervenção que estabeleça laços e conexões mais profundas entre os moradores e os espaços públicos, visando proporcionar o bem-estar das comunidades pertencentes àquele espaço. Para isso, foram estabelecidos três princípios norteadores: ***Vitalidade, Fluidez e Construir para e a partir do coletivo*** (Figura 65). Segue a explicação dessa proposta de acordo com cada princípio norteador estabelecido.

Figura 65 – Diagrama geral da proposta



Fonte: Autoral (2023)

5.2 Vitalidade

O princípio da Vitalidade representa a vida nos espaços públicos. Traz inicialmente a ideia de promover segurança, retirando as barreiras físicas, visuais e psicológicas para a presença de pessoas. Levando em consideração isso, questionasse:

> Como conscientizar as pessoas que condomínios fechados por muros, cercas e guaritas, mesmo que aparentem mais segurança, na verdade segmentam o tecido urbano e acabam por gerar ainda mais insegurança? Que esses mesmos muros eliminam a vitalidade das ruas e matam seu papel de espaço de convívio, transformando-as em corredores para os carros? Que áreas verdes internas aos condomínios são insuficientes e, sobretudo, muito menores e menos agradáveis do que seriam praças públicas grandes e bem mantidas? (Ferreira, 2012, p. 35)

Visando retirar essas barreiras e criar permeabilidade visual e integração entre os residenciais e o entorno, sugere-se como primeira intervenção a retirada dos muros dos conjuntos residenciais e do lote vazio ao lado do Residencial Lúcio Costa e Residencial Parque Petrópolis I (Figura 66). Por serem espaços privados, como estratégia de incentivo e suporte à intervenção, propõe-se a criação de uma lei que ofereça desconto no IPTU aos moradores dos residenciais.

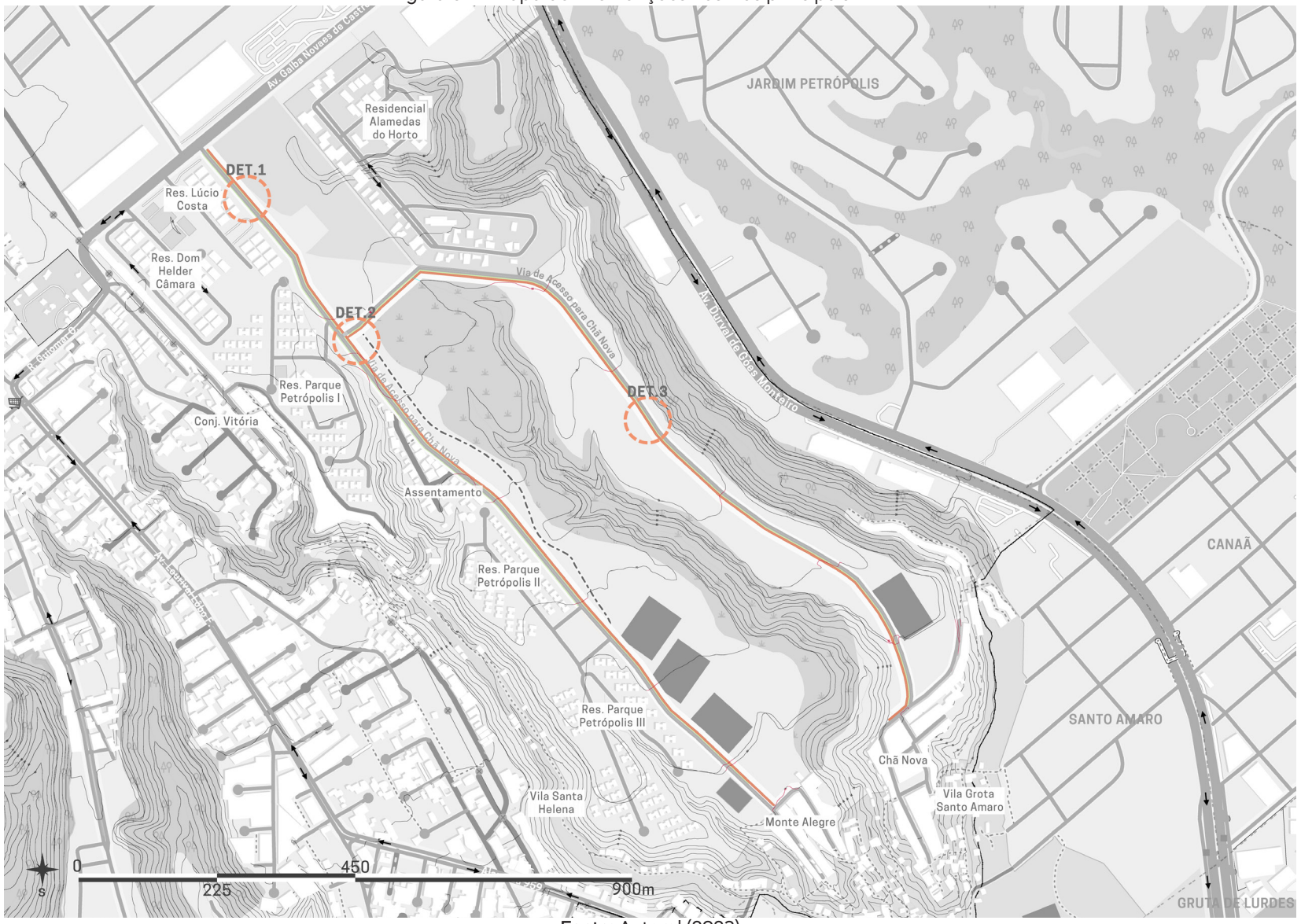
Além disso, compreendendo o lote ao lado do Residencial Lúcio Costa e Residencial Parque Petrópolis I como um vazio que não cumpre função social, propõe-se a desapropriação e o uso do mesmo para implantação de equipamentos de lazer da proposta geral. Pois o artigo 182 da Constituição Federal brasileira, que apresenta diretrizes para função social e urbanística, visa o aproveitamento dos terrenos vazios no contexto urbano, incentivando seu uso para habitação, atividades econômicas e espaços públicos. Além disso, visa desestimular a especulação imobiliária e a manutenção de terrenos ociosos, visando pleno desenvolvimento das cidades e bem-estar da população.

Ademais, com o intuito de promover a caminhabilidade, e consequentemente maior presença de pessoas nos espaços, priorizando o pedestre, sugere-se como intervenções urbanas: i. alargamento das calçadas existentes na via que margeia os residenciais e implantação de calçadas nos trechos que não possuem; ii. pavimentação e calçamento na via em direção a Chã Nova; iii. implantação de ciclovia em ambas as ruas principais do recorte (Figura 67). As dimensões propostas nos desenhos seguem recomendações do Guia Global de Desenho de Ruas (2018) (Figuras 68, 69 e 70). Destaca-se que são apresentadas calçadas com duas larguras diferentes, visando que as calçadas que margeiam os grandes espaços livres, nos quais serão locados os equipamentos, sejam mais amplas.

Figura 66 – Mapa demarcando a retirada dos muros

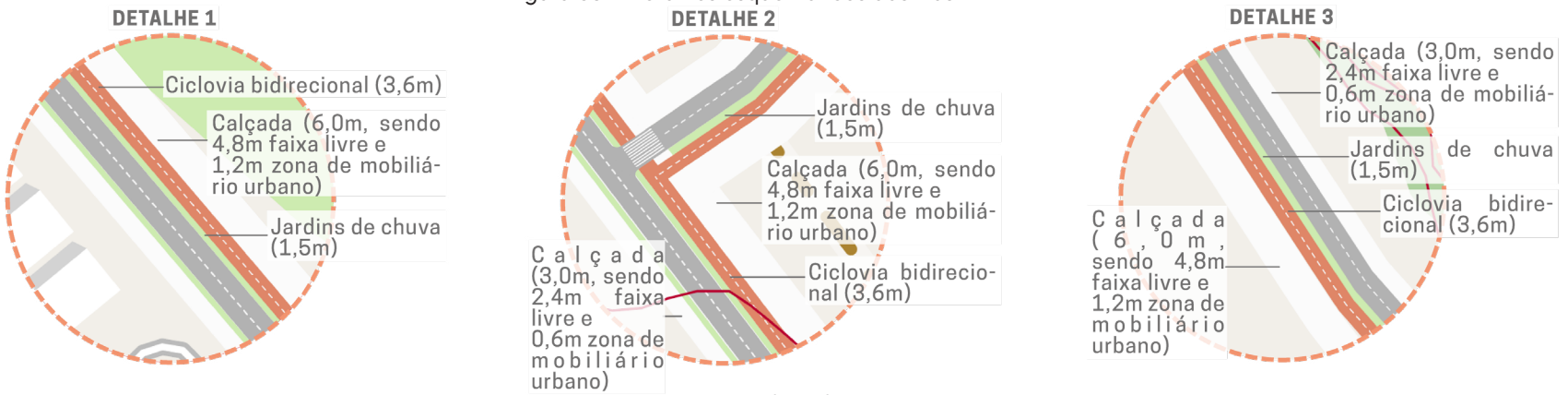
Fonte: Autoral (2023)

Figura 67 – Mapa de intervenções nas vias principais



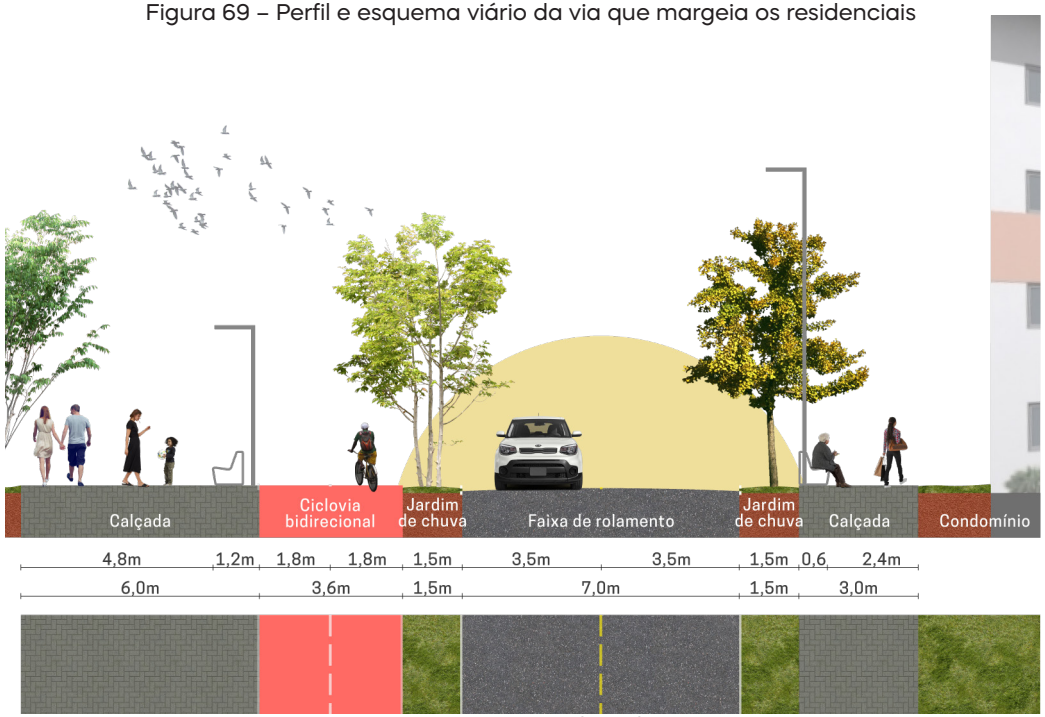
Fonte: Autoral (2023)

Figura 68 – Detalhes esquemáticos das vias



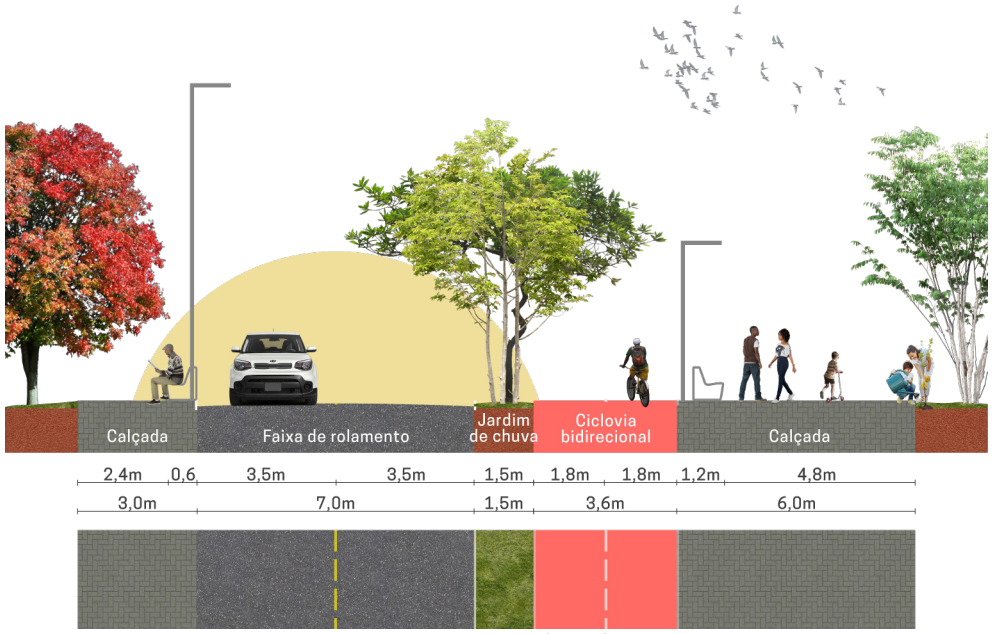
Fonte: Autoral (2023)

Figura 69 – Perfil e esquema viário da via que margeia os residenciais



Fonte: Autoral (2023)

Figura 70 – Perfil e esquema viário da via em direção a Chã Nova



Fonte: Autoral (2023)

Com relação a outros serviços de infraestrutura, propõe-se para iluminação: i. implantação do sistema de fiação subterrânea em todo o recorte; e ii. implantação de postes de iluminação com altura de 8 metros para as vias e postes com altura de 4 metros para as calçadas e ciclovias, conforme pode ser visto em perfis viários (Figuras 69 e 70). As alturas propostas seguem também as

Figura 71 – Acesso a área após retirada de muros e implantação de calçada, ciclovia e jardins de chuva

Fonte: Autoral (2023)

recomendações de desenho para iluminação do Guia Global de Desenho de Ruas (2018). Para drenagem, propõe-se a instalação de um sistema de drenagem previamente a pavimentação e/ou calçamento das vias. E entre as soluções, propõe-se implantar jardins de chuva, com vegetação arbustiva e também arbórea para proporcionar sombreamento (Figuras 71 e 72).

Figura 72 – Acesso a área após retirada de muros, implantação de jardins de chuva e ampliação das calçadas

Fonte: Autoral (2023)

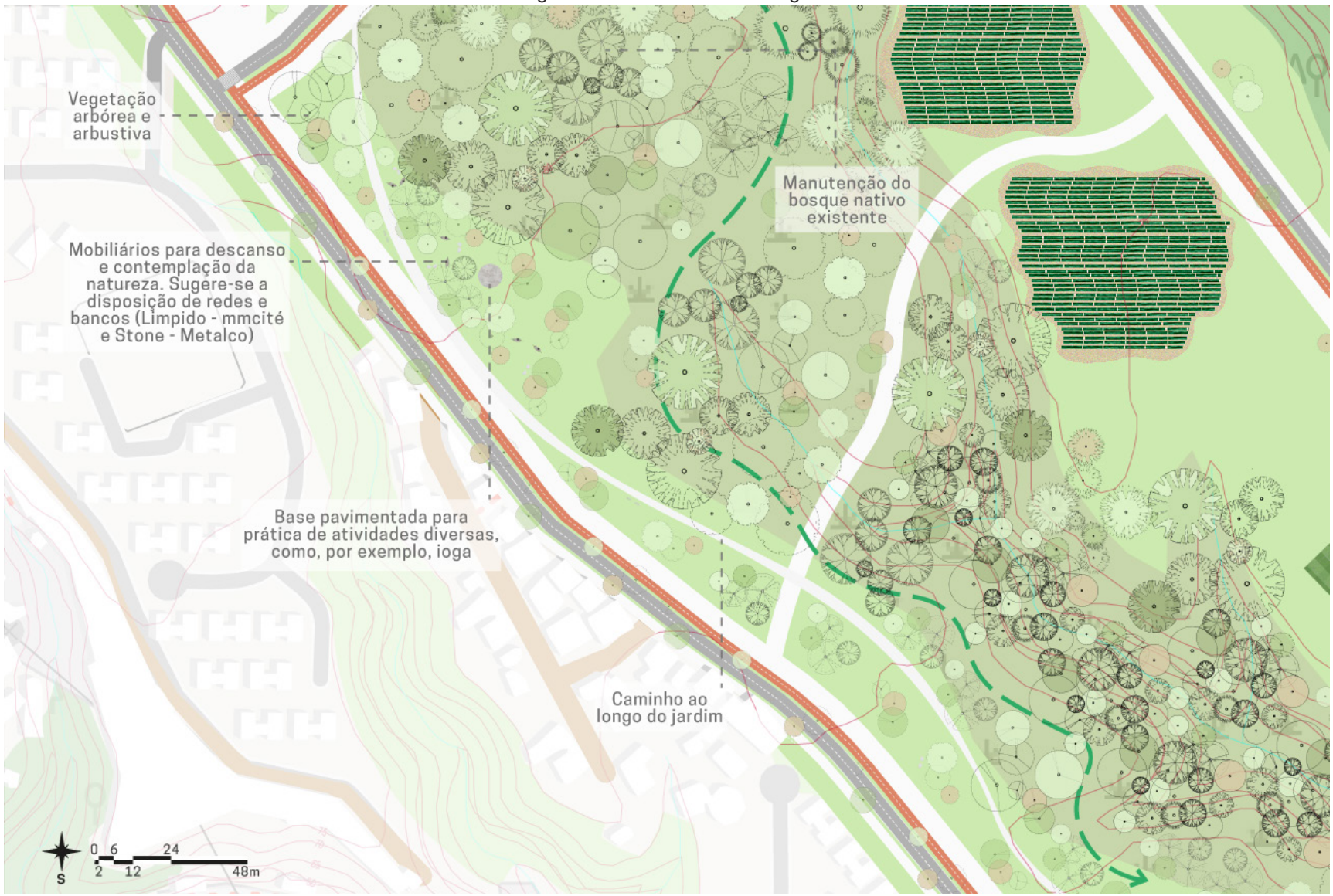
No que se refere ao descarte de resíduos, propõe-se a criação de um ponto de entrega voluntária (Ecocentro Petrópolis), que disponha de containers de lixo, para receber produtos e materiais não aceitos na coleta de lixo ou materiais recicláveis. Visa-se que esse ponto seja gerido por uma equipe especializada que encaminhe apropriadamente o lixo para seu destino final e o ponto funcione apenas como local de recebimento. Além disso, com o intuito de inibir novos descartes irregulares, além de outros objetivos, propõe-se a reurbanização da área.

Além disso, visando promover vitalidade e bem-estar, busca-se uma maior integração da natureza nos espaços públicos. Inspirada nos referenciais como o Parc de la Villette, que dispõe de muitos jardins, o Parque Mangal das Garças com seu caráter naturalísticos e o Parque Fazendinha com sua área verde, bem como considerando uma extensa área verde já existente, propõe-se a criação do Jardim do aconchego. Além de uma ampla vegetação arbustiva e arbórea, o jardim dispõe de mobiliários para descanso e contemplação da natureza e uma base pavimentada para prática de atividades diversas, como, por exemplo, ioga. Sobre os mobiliários, sugere-se a disposição de redes e de bancos Limpido, da mmcité, e bancos Stone, da Metalco. Ademais, busca-se a manutenção do bosque nativo existente, para preservação das áreas de várzea. Além da ênfase às medidas de preservação, a proposta inclui a criação de um percurso de trilha que promova uma experiência imersiva e uma vivência do ambiente natural pelos usuários do espaço (Figuras 73 e 74).

Figura 73 – Mapa com demarcação do jardim e do percurso de trilha

Fonte: Autoral (2023)

Figura 74 – Jardim do aconchego



Fonte: Autoral (2023)

5.3 Construir para e a partir do coletivo

Segundo Name e Moassab (2014, p. 223), ampliar os espaços de lazer de territórios racial ou socialmente segregados; incorporar formas de sociabilidade das minorias; promover espaços livres públicos que possibilitem a expressão de culturas marginalizadas, bem como ampliem as possibilidades de exercício político e corroborem para a configuração de centralidades; utilizar o paisagismo como promoção de acesso a subsistência da população; entre outras diretivas; são importantes papeis de veículo de direito à cidade e inclusão social.

Levando em consideração isso, tomam-se os grandes vazios urbanos do recorte como potencialidades para implantação de equipamentos públicos de saúde, lazer, educação, esporte, cultura e recreação para assistência à população. Como ponto de partida inicial para instalação desses equipamentos, foram selecionados os grandes espaços livres ao longo da via em direção a Chã Nova. Embora a Chã Nova tenha sido ocupada antes de 2002, conforme mostra a Figura 3, não há presença de equipamentos próximos ou ao longo dessa via principal de acesso, sendo observado apenas um campo de pelada.

Assim, de forma a promover a ocupação e utilização desses espaços, além de apoiar a comunidade residente local, propõe-se a instalação dos seguintes equipamentos (ver disposição de todos no mapa geral do plano - Figura 83):

1) Pavilhão das lembranças - estrutura para possíveis exposições de arte, apresentações de teatro, dança, música, etc, que promovam atividades culturais e recreativas para a comunidade, contribuindo para a formação de experiências memoráveis. Sugere-se uma área de aproximadamente 300m² para o pavilhão;

2) Espaço da convivência - espaço multiuso, ao lado do Pavilhão, destinado para eventos ao ar livre, como: feiras semanais ou sessões de cinema ao ar livre, entre outros. Destaca-se que o pavilhão também funciona como apoio ao espaço multiuso, tanto para suporte ao armazenamento de equipamentos de assistência aos eventos, como também planeja-se realizar a projeção do cinema ao ar livre na parede do pavilhão (Figura 75);

Figura 75 – Pavilhão das lembranças e Espaço da convivência

Fonte: Autoral (2023)

Vale ressaltar que, uma estratégia para ampliar possibilidades de exercício político e configuração de centralidades, seria viabilizar o Espaço da convivência para feiras com a participação de agricultores de assentamentos da reforma agrária. Pois através disso, cria-se um espaço de: apoio ao empoderamento econômico dessas comunidades; ponto de encontro e fortalecimento de laços socioculturais; possíveis trocas sobre política agrícola, direitos e questões sobre a reforma agrária; compartilhamento de práticas sustentáveis e comércio justo; e vínculo entre a área urbana e rural. Como suporte as feiras, propõe-se como mobiliário urbano bancas de feira portáteis intituladas Gambiarra (Figura 76), desenvolvidas pelo escritório Vão Urbano e em parceria com o arquiteto Rodrigo Rocha para o Idetón Volver a la Calle, concurso organizado por *La División de Vivienda y Desarrollo Urbano do BID, LAB Ciudades* e *Ciudades Comunes*.

3) Horta comunitária - espaço coletivo para cultivo de verduras, tubérculos, leguminosa, plantas comestíveis e também medicinais (Figura 77). Além disso, visa-se o acréscimo de árvores frutíferas distribuídas pelos grandes espaços livres. Considerando que o paisagismo pode desempenhar um papel na garantia de direito, como à alimentação, Name e Moassab (2014) afirmam que:

Figura 76 – Gambiarra

Fonte: Vão Urbano (2020)

Em contextos de pobreza, a inserção de árvores frutíferas, tubérculos e leguminosas, mesmo quando espécies exóticas, é importante medida de um paisagismo que promova acesso a uma função ecossistêmica muitas vezes posta em plano secundário: a subsistência de populações.

Figura 77 – Horta comunitária

Fonte: Autoral (2023)

4) UPA - Unidade de Pronto Atendimento, para garantia de acesso ao serviço essencial de saúde, principalmente para determinados grupos, como: idosos, pessoas de baixa renda e com mobilidade reduzida que residem próximo do recorte de intervenção. Sugere-se uma área física de aproximadamente 700m², que corresponde ao Porte I (área mínima de abrangência da UPA para 50 a 100 mil habitantes) de acordo com a Portaria Nº 1.601 de 7 de julho de 2011 do Ministério da Saúde, considerando que o bairro possui aproximadamente 23.675 habitantes;

5) Campo de futebol. O recorte possui atualmente 5 campos de pelada, mas sugere-se a redução para somente 1 campo de futebol mais estruturado, visando propor outras opções de lazer.

Em seguida propõe-se a requalificação da praça existente entre os residenciais Parque Petrópolis II e III, oferecendo suporte de mobiliário, paginação de piso e vegetação aos pontos comerciais existentes. Sugere-se fazer uma releitura da ocupação atual da praça, apenas realocando os pontos existentes para delimitação da paginação de piso, respeitando a dinâmica local, e oferecendo suporte por meio de: novas barracas, caso seja desejo do comerciantes; e mesas, sugere-se as opções Mesa Grid Alta e Mesa Grid Piquenique, ambas da De Lazzari. Propõe-se também uma área no grande espaço livre em frente para locação de novos pontos, criando um food park. Vale salientar que, na proposta de requalificação é sugerida a realocação de apenas um ponto comercial para a área em frente, oferecendo o mesmo suporte (Figuras 78 e 79).

Figura 78 – Processo de criação para requalificação da praça

Fonte: Autoral (2023)

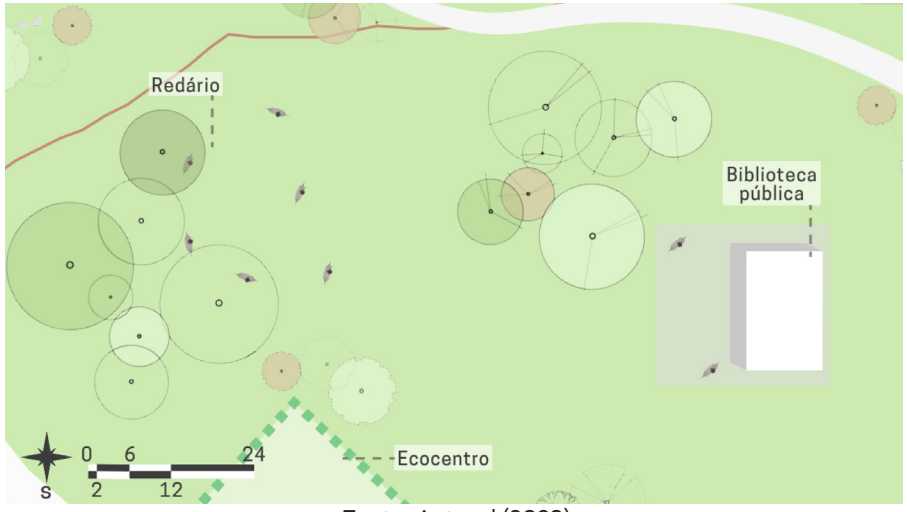
Figura 79 – Proposta de requalificação da praça

Fonte: Autoral (2023)

Além disso, sugere-se a criação de um parque infantil e um redário (Figura 80). E pela grande quantidade de equipamentos educacionais privados no bairro, bem como ausência de um equipamento para educação pré-escolar no recorte, propõe a implantação de uma creche pública e uma biblioteca (Figura 80). Ademais, para conectar os grandes espaços livres entre si, sugere-se a instalação de duas passarelas, devido ao grande desnível existente das áreas de várzeas, e a criação de um caminho, nesse caso não precisa ser passarela, pois não há declive acentuado como nas áreas das passarelas.

Além disso, no último grande espaço livre, propõe-se a implantação de pistas de skate (Figura 81). Acrescenta-se que, além de considerar os grandes vazios como potencialidades para instalação dos equipamentos e também tomar como inspiração os estudos de referências, no processo de desenvolvimento foi pensado na criação de espaços mais democráticos, espaços verdes, seguros para passear, descansar, correr, ler, entre outras atividades.

Figura 80 – Redário e Biblioteca pública



Fonte: Autoral (2023)

Figura 81 – Pistas de skates

Fonte: Autoral (2023)

5.4 Fluidez

O princípio da Fluidez representa a maneira como os espaços se relacionam/conectam. Traz a ideia de promover novos caminhos e conexões. Inicialmente, visando promover melhoria na mobilidade, sugere-se a revisão dos horários das linhas dos transportes públicos no recorte para aumento da frequência. Além disso, o acréscimo de rotas, como por exemplo: Chã Nova - Centro; Monte Alegre - UFAL (Via Chã Nova); entre outras, que facilitem o acesso a trabalho e educação.

Ademais, sugere-se acréscimo ou reforma de pontos de embarque e desembarque em todo o recorte, adequando os pontos de ônibus para maior segurança com informações sobre horários e rotas, e bem iluminados e transparentes. Destaca-se que, além de visar solucionar os problemas referentes ao transporte público na área, tomou-se como inspiração propostas do Col·lectiu Punt 6 apresentadas no livro Noturnas com os objetivos de melhorar a mobilidade e aumentar a percepção de segurança numa perspectiva de gênero.

Além disso, com o intuito de promover integração com a malha urbana, propõe-se novos caminhos/conexões da área com uma importante via da cidade (Av. Durval Góes Monteiro). Para isso, os princípios Fluidez e Construir para e a partir do coletivo se misturam. Visa o aproveitamento da topografia e a criação dessa conexão, propõe-se a implantação de rampas que conectem o recorte e a avenida Durval de Góes Monteiro. Além disso, visando utilizar a declividade a favor do projeto e inspirada em soluções propostas no estudo de referência Parque Fazendinha, sugere-se a criação de arquibancada, parede de escalada e escorregador próximo a área do Pavilhão das lembranças (Figura 82).

Figura 82 – Proposições na declividade

Fonte: Autoral (2023)

Figura 83 – Mapa geral

Fonte: Autoral (2023)

06 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a ótica direcionada para a escala da Macro Paisagem e do Planejamento Urbano e Regional, diversos aspectos guiaram a condução deste trabalho. Esses aspectos estiveram relacionados aos espaços livres públicos e às habitações adjacentes a esses espaços, presentes em parte do bairro Petrópolis. Percebeu-se que embora existam abundantes espaços livres públicos e um significativo número de residências na área em questão, notou-se a desconexão entre eles, e ausência de equipamentos sociais e infraestrutura adequados, bem como desafios relacionados à mobilidade e características socioeconômicas desfavoráveis.

Essas observações, aliadas ao desejo de produzir algo para o bairro ao qual pertenço, motivaram o desenvolvimento desse trabalho. Analisou-se por meio de mapeamentos, visitas, observações e vivências, determinadas áreas do bairro Petrópolis. Além disso, a leitura acerca de temas relacionados principalmente aos espaços livres públicos e entornos habitacionais, e complementados com texto de abordagens decoloniais e perspectivas de gênero, fundamentaram as bases teóricas do trabalho. Essas bases, em conjunto com a etapa de análise, despertaram meios para formular um plano urbano estruturante para a área.

Evidenciaram-se, ao longo da elaboração desse trabalho, alguns desafios, dentre os quais se destacou a carência de informações relativas ao objeto de estudo. Essa falta de dados, seja no âmbito histórico e, principalmente, do levantamento urbanístico, decorre da limitação de estudos e produções sobre o bairro. No entanto, espera-se que tais obstáculos não sejam limitantes, mas, ao contrário, que impulsionem o surgimento de novas pesquisas, reflexões e produções.

Por fim, o desenvolvimento desse trabalho proporcionou uma investigação sobre condições urbanas e habitacionais no bairro Petrópolis e a elaboração de um plano urbano com a finalidade de melhoria do espaço urbano e habitacional. Além disso, a relevância social e de intervenções urbanas que atendam às necessidades da comunidade local reforçam a importância desse trabalho. É por meio da intenção sociopolítica de exercer uma das funções do(a) profissional de arquitetura e urbanismo, de defender o direito à cidade e às políticas urbanas e de desenvolvimento urbano, que se desenvolve esse trabalho. Espera-se que o plano urbano estruturante apresentado possa *delinear laços* afetivos de pertencimento, apoio e vínculo entre os moradores e os espaços livres públicos do bairro, e que o urbanismo seja instrumento propulsor de bem-estar das comunidades pertencentes àquele espaço.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Portaria nº 465, de 3 de outubro de 2011. Dispõe sobre as diretrizes gerais para aquisição e alienação de imóveis por meio da transferência de recursos ao Fundo de Arrendamento Residencial – FAR. **Diário Oficial da União**, 3 out. 2011. Disponível em: https://proj4ufsc.files.wordpress.com/2013/06/1.pdf. Acesso em: 3 dez. 2023.

BULHÕES, Júlia Amorim. **Colapso urbano?** Narrativas de moradores do Pinheiro sobre a subsidência do solo em Maceió-AL. 2022. 127 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/9807. Acesso em: 01 jun. 2023

CARMO, Gabriel Silva Cavalcante do. Introdução. *In*: CARMO, Gabriel Silva Cavalcante do. **Plano estruturante para a paisagem do São Jorge, Maceió-AL**: o sistema de espaços livres públicos como (re)estruturador do bairro. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2022. p. 1-98. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/11375. Acesso em: 21 nov. 2023.

CIOCOLETTO, Adriana. **Espacios para la vida cotidiana**. Auditoría de Calidad Urbana con perspectiva de Género. Barcelona: Col.lectiu Punt 6 - Editoria Cumanegra, 2014.

COLUSSO, Izabele. **O que é um Masterplan?** Vídeo: 4min27s. Publicado pelo canal Izabele Colusso. 19 de fev. 2023. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=lkgxz38KD78. Acesso: 21 nov. 2023.

DIAGONAL. **Documento Técnico Complementar ao Diagnóstico PAS - Parte I**. [S. L.], 2022. Disponível em: https://maisdialogos.com/documentos. Acesso em: 30 nov. 2023.

FERREIRA, João Sette Whitaker. Que cidade queremos para as gerações futuras? O trágico quadro urbano no Brasil do século XXI: cidades cindidas, desiguais e insustentáveis. *In*: FERREIRA, João Sette Whitaker. **Produzir casas ou construir cidades?**: desafios para um novo brasil urbano. São Paulo: Fupam, 2012. Cap. 1. p. 11-38. Disponível em: http://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2012/02/ferreira_2012_produzirhab_cidades.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

FERREIRA, João Sette Whitaker. Retrato da atual produção do "segmento econômico" e parâmetros de qualidade urbanística e arquitetônica. *In*: FERREIRA, João Sette Whitaker. **Produzir casas ou construir cidades?**: desafios para um novo brasil urbano. São Paulo: Fupam, 2012. Cap. 3. p. 59-126. Disponível em: http://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2012/02/ferreira_2012_produzirhab_cidades.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

FARIA, Geraldo Majela Gaudêncio; CAVALCANTI, Verônica Robalinho. Sistema de Espaços Livres da Cidade de Maceió. **Paisagem e Ambiente**, n. 26, p. 7-28, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i26p7-28. Acesso em: 25 jan 2022.

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. Estudo dos casos nacionais. *In*: GORSKI, Maria Cecília Barbieri. **Rios e cidades**: ruptura e reconciliação. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008. Disponível em: http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/26071. Acesso em: 31 jul 2023.

GUTIÉRREZ, Blanca Valdivia *et al*. **Entornos habitables**: auditoría de seguridad urbana con perspectiva de género en la vivienda y el entorno. Barcelona: Col·lectiu Punt 6, 2017. 170 p. Disponível em: https://www.punt6.org/books/entorns-habitables/. Acesso em: 21 nov. 2023.

HELENE, Diana; LEITE, Eduarda; SILVA, Vanessa. A cidade como extensão da casa: espaços livres e vida cotidiana em habitações de interesse social de Maceió. *In*: Lote e quadra, cidade e território: espaços livres, redes ecológicas e direito à paisagem, 3, 2021, Rio de Janeiro. **Caderno de resumos**. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2021. p. 61.

INSTITUTO FAZENDINHANDO. **O Parque Fazendinha**: de lixão a parque. 1 dez. 2019. Disponível em: https://www.fazendinhando.org/parque-fazendinha. Acesso em: 2 ago 2023.

JAPIASSÚ, Luana Andressa Teixeira. **Expansão Urbana de Maceió, Alagoas**: caracterização do processo de crescimento territorial urbano em face do plano de desenvolvimento - de 1980 a 2000. 2015. 165 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/1313. Acesso em: 19 abr. 2023.

MACEIÓ. **Lei municipal nº 5.486 de 30 de dezembro de 2005**. Institui o plano diretor do município de Maceió, estabelece diretrizes gerais de política de desenvolvimento urbano e dá outras providências. Maceió: Câmara Municipal, [2005]. Disponível em: https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/RedeAvaliacao/Maceio_PlanoDiretorAL.pdf. Acesso em: 08 ago. 2021.

MACEIÓ. **Lei Municipal nº 5.593, de 08 de fevereiro de 2007**. Código de Urbanismo e Edificações do Município de Maceió. Disponível em http://www.maceio.al.gov.br/wpcontent/uploads/admin/documento/2013/11/Lei-Municipal-5.593-de-08-de-Fevereiro-de-2007-C%C3%93DIGO-DE-URBANISMO-E-EDIFICA%C3%87%C3%95ES-DO-MUNIC%C3%8DPIO-DEMACEI%C3%93.pdf. Acesso em 08 ago. 2021.

MERGULHÃO, Pedro Tarcio Pereira. Identificação da paisagem amazônica: estudo de caso do Parque Naturalístico Mangal das Garças. *In*: MERGULHÃO, Pedro Tarcio Pereira. **A paisagem Amazônica no paisagismo de Belém**: caso Parque Naturalístico Mangal das Garças. 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3253. Acesso em: 31 jul. 2023

MOHR, Udo Silvio. Parque de La Villette. *In*: MOHR, Udo Silvio. **Os grandes espaços do lazer urbano, arquitetura dos parques públicos**: morfologia, tipologia e potencialidades. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/147440. Acesso em: 26 jul. 2023.

MOREIRA, Susanna. **O que é um master plan?** 18 abr 2021. ArchDaily Brasil. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/959216/o-que-e-um-master-plan. Acesso em: 21 nov. 2023.

MOVIMENTO FAZENDINHANDO. **Fazendinha**: de lixão a parque. ArchDaily Brasil. 15 jun 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/941633/fazendinha-de-lixao-a-parque. Acesso em: 2 ago. 2023.

NAME, Leonardo; MOASSAB, Andréia. **Por um ensino de paisagismo crítico e emancipatório na América Latina**: um debate sobre tipos e paisagens dominantes e subalternos, 2014. 12 Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo nas Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Disponível em: https://www.academia.edu/8218889/Por_um_ensino_de_paisagismo_critico_e_emancipatorio_na_America_Latina_um_debate_sobre_tipos_e_paisagens_dominantes_e_subalternos. Acesso em: 17 ago 2021.

NATIONAL ASSOCIATION OF CITY TRANSPORTATION OFFICIALS.

Guia global de desenho de ruas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2018. Disponível em: https://globaldesigningcities.org/wp-content/uploads/guides/global-s treet-design-guide-pt.pdf. Acesso em: 07 ago 2023.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL PARÁ 2000. **Mangal das Garças**: Bem vindo ao Parque Zoobotânico Mangal das Garças – Belém, Pará. Disponível em: https://www.mangaldasgarcas.com.br/. Acesso em: 31 jul. 2023

PRADO, Ariane do; ZANARDO, Carolina; CHAVEGATI, Julia; MARTINELLI, Caroline. **Estudo de Caso - Parc de La Villette**. YouTube, 24 de março de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iGyqgs0h_Yk. Acesso em: 26 jul. 2023

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. 25–35, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.20396/resgate.v19i21.8645703. Acesso em: 17 jul. 2021.

SABOYA, Renato. **Condições para a Vitalidade Urbana #4 – Permeabilidade visual**. 23 Jun 2013. Disponível em: https://urbanidades.arq.br/2013/06/23/condicoes-para-a-vitalidade-urbana-4-permeabilidade-visual/. Acesso em: 8 ago 2021.

SANTOS, Beatriz. **Programação gratuita no Mangal das Garças resgata brincadeiras tradicionais**. Pará: Ascom, 2023. Disponível em: https://www.mangaldasgarcas.com.br/2023/06/29/programacao-gratuita-no-mangal-das-garcas-resgata-brincadeiras-tradicionais/. Acesso em: 31 jul. 2023

SANTOS, Caroline Gonçalves dos; LIMA, Gustavo Figueiredo; BULHÕES, Júlia Amorim. Subsidência do solo e remoções forçadas em Maceió-AL: as disputas pela cidade. Land subsidence and forced removals in Maceió-AL: the disputes over the city. **Brazilian Journal of Development**, *[S. l.]* , v. 8, n. 10, pág. 65711–65734, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.34117/bjdv8n10-054. Acesso em: 1 jun. 2023.

SANTOS, Caroline Gonçalves dos; OLIVEIRA, José Gabriel Juliani de; MENDONÇA, Inara Querino de; MARQUES, Leandro Ferreira; OLIVEIRA, Kleyton Lucas de Castro. Solo em subsidência em bairros de Maceió-AL: emergências impostas aos agentes produtores do espaço urbano. **Ímpeto**, n. 10, p. 91-100, 2020. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/revistaimpeto/article/view/11489/7849. Acesso em: 15 ago. 2023

SILVA, José Higor Mesquita da; SILVA, Roseildo França da. **O bairro Petrópolis e a Geografia Escolar**. 2022. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia: Licenciatura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022. Cap. 2. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/9331. Acesso em: 19 abr. 2023

SOUZA, Eduardo. Clássicos da Arquitetura: parc de la villette / bernard tschumi. **Archdaily**. 21 dez. 2013. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi. Acesso em: 26 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO. **Normas Complementares À Resolução Nº 01/2007 do Colegiado do Curso de Arquitetura e Urbanismo**. Maceió, nov. 2007. Disponível em: https://fau.ufal.br/graduacao/arquitetura-e-urbanismo/documentos/trabalho-final-de-graduacao/formularios-e-outros-documentos-relativos-ao-tfg/resolucao-tfg-normas-complementares-nov-2007.pdf/view. Acesso em: 26 set. 2023.

VERÍSSIMO, C. e NAME, L. Paisagem, paisagismo comestível e espaço exterior doméstico voltados à soberania alimentar: notas

iniciais. *In*: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 16, 2017. **Memorias**... La Paz: EGAL, 2017.